

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRUNA ALVES MARTINS ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO POPULISMO NACIONALISTA
ESTADUNIDENSE E O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA CAMPANHA DE
DONALD TRUMP À PRESIDÊNCIA**

GOIÂNIA

2020

BRUNA ALVES MARTINS ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO POPULISMO NACIONALISTA
ESTADUNIDENSE E O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA CAMPANHA DE
DONALD TRUMP À PRESIDÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito e Relações
Internacionais da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Me. Renzo Nery

GOIÂNIA

2020

Almeida, Bruna Alves Martins.
A447 A construção histórica do populismo nacionalista estadunidense e o papel das redes sociais na campanha de Donald Trump à presidência / Bruna Alves Martins Almeida - 2020.
69 p.

Orientador: Prof. Me. Renzo Nery
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito e Relações Internacionais, 2020.

1. Populismo nacionalista estadunidense 3. Extrema direita 4. Donald Trump 5 mídias sociais. I. Nery, Renzo. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA ALVES MARTINS ALMEIDA
A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO POPULISMO NACIONALISTA
ESTADUNIDENSE E O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA CAMPANHA DE
DONALD TRUMP À PRESIDÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito e Relações
Internacionais da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Me. Renzo Nery

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Renzo Nery (Orientador)

Prof. Me. Maria Aparecida Skorupski

Prof. Me. Paulo Henrique Faria Nunes

RESUMO

A vitória do candidato presidencial Donald J. Trump em 2016 proporcionou um aumento significativo nas discussões sobre o papel das redes sociais no processos eleitorais. Entretanto, as ideias defendidas por Trump e seus eleitores não são de forma alguma inéditas na política dos Estados Unidos. De fato, desde a Democracia Jacksoniana e a criação do *People's Party* no século XIX, até o surgimento de figuras como Joseph McCarthy e organizações como a *John Birch Society* no século XX, é possível identificar ao longo da história americana uma constante presença de mobilizações populares de caráter isolacionista e nacionalista. Tendo isso em mente, a pesquisa busca analisar em quais aspectos é plausível demonstrar similaridades e convergências entre esses movimentos e o Trumpismo. Partindo do pressuposto que a instrumentalização da internet e mídias sociais foram essenciais para o sucesso do movimento de extrema direita e eventual ascensão à presidência de Trump, será utilizado o processo de conceitualização histórica do populismo como base para o referencial teórico.

Palavras-chave: populismo; extrema direita; Donald Trump; mídias sociais.

ABSTRACT

The victory of presidential candidate Donald J. Trump in 2016 provided a significant increase in discussions about the role of social media in electoral processes. However, the ideas championed by Trump and his constituents are by no means unheard of in US politics. In fact, since the Jacksonian Democracy and the creation of The People's Party in the 19th century, until the emergence of figures like Joseph McCarthy in the 20th century, it is possible to identify throughout American history a constant presence of popular mobilizations of an isolationist and nationalist character. With this in mind, the research seeks to analyze in which aspects it is plausible to demonstrate similarities and convergences between these movements and Trumpism. Based on the assumption that the instrumentalization of the internet and social media were essential for the success of the extreme right movement and eventual rise to the presidency of Trump, the process of historical conceptualization of populism will be used as the basis for the theoretical framework.

Keywords: populism; far right; Donald Trump; social media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I – A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO POPULISMO ESTADUNIDENSE: uma breve genealogia histórico-política	11
1.1 A DEMOCRACIA JACKSONIANA E O “HOMEM COMUM” NA POLÍTICA	12
1.2 A MOBILIZAÇÃO RURAL E A EXPANSÃO DO FARMERS ALLIANCE	14
1.2.1 A criação efetiva do <i>People’s Party</i> em 1892	15
1.2.2 Nota acerca da pluralidade de interpretações acerca do <i>People’s Party</i>	15
1.2.3 O <i>People’s Party</i> enquanto “mito agrário”: a interpretação de Richard Hofstadter	17
1.3 A ASCENSÃO DE JOSEPH MCCARTHY E A CONCEITUAÇÃO DO POPULISMO	18
1.3.1 O anticomunismo na agenda política nacional dos EUA	18
1.3.2 Interpretações acerca do macarthismo	19
1.4 O <i>COUGHLINISM</i> E A <i>JOHN BIRCH SOCIETY</i> : A RELIGIOSIDADE E O ANTICOMUNISMO NAS MOBILIZAÇÕES POPULARES DO SÉCULO XX	21
II – O PROCESSO DE REALINHAMENTO ELEITORAL E OS MOVIMENTOS DE EXTREMA DIREITA POPULISTA AO LONGO DO SÉCULO XX	24
2.1 O PAPEL DOS MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS NA EVENTUAL FUGA DA BASE ELEITORAL DO PARTIDO DEMOCRATA PARA O PARTIDO REPUBLICANO	25
2.1.1 A administração Eisenhower e a divisão interna do Partido Republicano	27
2.1.2 A nomeação de Barry Goldwater em 1964	28
2.2 A INFLUÊNCIA DA <i>JOHN BIRCH SOCIETY</i> NO PARTIDO REPUBLICANO E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1964	30
2.3 A ELEIÇÃO DE RICHARD NIXON E A CONSOLIDAÇÃO DO <i>SOUTHERN STRATEGY</i>	32
2.3.1 O <i>southern strategy</i> nas campanhas eleitorais do final do século XX	33
2.3.1.1 O fim do <i>old-fashioned racism</i> (OFR) no cenário político dos EUA	35

2.3 ENCAMINHAMENTOS INVESTIGATIVOS DO ESTUDO	36
III – MOVIMENTOS POPULISTAS DO SÉCULO XXI: DO TEA PARTY AO TRUMPISMO	37
3.1 TEORIAS CONSPIRATÓRIAS E RESENTIMENTO RACIAL: O LEGADO DA <i>JOHN BIRCH SOCIETY</i> NO MOVIMENTO <i>TEA PARTY</i>	38
3.1.2 Possíveis análises acerca do Tea Party	39
3.2 O PROCESSO DE ASCENSÃO DE DONALD TRUMP	41
3.2.1 A corrida eleitoral de 2016 e a candidatura de Donald Trump	42
3.3 – A DISTRIBUIÇÃO DOS VOTOS ENTRE HILLARY CLINTON E DONALD TRUMP SOB UM RECORTE ÉTNICO: as políticas de identidade enquanto master concept das relações internacionais	43
3.4. O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA VITÓRIA DE DONALD TRUMP	45
3.4.1 O <i>Alt-Right</i> e a mobilização nas redes sociais por supremacistas brancos	46
3.4.5 O <i>Alt-Right</i> e o eleitorado convencional	47
3.4.6 A instrumentalização das redes sociais a favor da candidatura de Donald Trump	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

Desde do fim da Guerra Fria, a evolução da ciência cada vez mais possibilita o desenvolvimento de avanços tecnológicos e científicos em diversas áreas do conhecimento humano. Instrumentos como a Internet, por exemplo, transformou a comunicação interpessoal no século XXI. Por meio das redes sociais, a Internet está sempre presente no cotidiano, influenciando a maneira que o ser humano vê o mundo e se conecta com os outros. Como Joseph Nye (2002) argumenta, a Internet foi o principal meio que possibilitou a difusão informacional instantânea e internacional. Somado a isso, os avanços tecnológicos representam não apenas a maior proliferação da informação, mas também uma redução significativa no custo de transmiti-la. Desse modo, redes sociais como o Facebook, Twitter ou Instagram, oferecem ao indivíduo um espaço como ator internacional.

Entretanto, a impossibilidade de aplicar regras mínimas na conduta dos usuários pode acabar deteriorando as interações entre eles. Os impactos no âmbito da formulação de estratégias políticas podem ser ainda mais agravantes. Em um mundo cada vez mais digitalizado e conectado, é inevitável que os políticos utilizem novas plataformas e estratégias para suas campanhas eleitorais com o objetivo de se conectarem com eventuais eleitores e aumentar a sua presença no ciberespaço. Desse modo, a cada ano de eleição, os candidatos eleitorais buscam melhorar suas ferramentas de marketing político, e as mídias sociais cada vez mais ganham a atenção dos presidentes e de seus assessores midiáticos. De fato, a última década evidenciou como aqueles que fizeram proveito efetivo das mídias sociais obtiveram melhores resultados nas eleições. Por outro lado, há o risco da política ser “[...] reduzida a uma série de slogans concebidos para obter aprovação imediata de curto prazo” (KISSINGER, 2014, p. 242). Portanto, se por um lado a era digital trouxe a democratização da informação, as redes sociais podem ser utilizadas no âmbito político e derivar “um resultado demagógico, algo mais baseado num apelo de massa em termos emocionais do que no processo reflexivo” (KISSINGER, 2014, p. 246).

As advertências feitas por Kissinger foram vivenciadas pelos americanos no período eleitoral de 2016, na figura de Donald J. Trump e seus seguidores. Naquela época, a vitória eleitoral de Trump foi inesperada por uma parte considerável do

eleitorado e dos analistas políticos do Estados Unidos (EUA), pois ela representou o triunfo de um candidato que desrespeitou, ao longo de toda a disputa eleitoral, regras básicas do jogo político americano, como o respeito a imprensa livre (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 8). Desde o anúncio da sua candidatura em 2015, a campanha eleitoral de Donald Trump teve como base um discurso anti intelectual, étnico-nacionalista e autoritário. Em todos os debates e comícios que participou, Trump pautou sua argumentação com o uso agressivo e emotivo, buscando inflamar o já existente descontentamento popular com o sistema político americano e contra grupos considerados minoritários, como a população islâmica (BONIKOWSKI, 2019, p. 110-112).

O diferencial de Trump foi em reconhecer antes dos outros atores políticos tradicionais americanos o verdadeiro potencial que as novas tecnologias e as mídias sociais oferecem para a propagação de desinformação. A linguagem informal, as simplificações argumentativas e o discurso conspiratório são características presentes tanto em seus comícios eleitorais quanto nos seus textos de 140 caracteres. Trump dominou o debate político nas mídias sociais, principalmente no Facebook e Twitter. No Twitter, por exemplo, Trump foi o mais mencionado e compartilhado dentre todos os possíveis candidatos. Três meses depois do anúncio da sua candidatura, a sua conta já possuía uma vantagem de oito vezes mais compartilhamentos que os seus rivais republicanos. Ele foi também três vezes mais citado que Hillary Clinton, sua principal rival Democrata. Isso resultou em um total de 6,3 milhões de menções sobre ele em conversas e retweets (BARBARO, 2015).

As estratégias utilizadas por Trump são relativamente novas na cultura política americana. Trump foi capaz de instrumentalizar as mídias sociais em seu favor e convencer uma parcela significativa do eleitorado. Entretanto, o seu tipo de discurso não é. Trump é apenas um dos vários políticos ao longo da história dos Estados Unidos que conquistaram eleitores com o discurso do povo contra a elite corrupta (KAZIN, 2016). Tendo isso em mente, a pesquisa tem como objetivo identificar possíveis similaridades e diferenças entre os principais movimentos populistas no cenário político americano antecessores à eleição de Donald Trump e dos grupos que o apoiaram.

O primeiro capítulo tem como objetivos tanto recapitular as principais mobilizações políticas de caráter populista que ocorreram nos EUA buscando oferecer uma “genealogia” histórica do populismo de viés nacionalista nesse país.

De forma geral, o conceito de populismo faz referência ao partido político *People's Party*, criado por trabalhadores do campo, e que teve atuação entre o final do século XIX até a metade do século XX. A partir do pós-Segunda Guerra Mundial o termo populismo foi reutilizado nas discussões acadêmicas e desenvolvido no contexto do macarthismo da década de 1950 e de outras mobilizações de extrema direita nos anos de 1960 e 1970.

O segundo capítulo foca na contextualização do ativismo de um dos principais grupos da extrema direita populista norte americana, a *John Birch Society* (JBS). Buscando melhor a contextualização do surgimento dessa organização. Além disso, busca-se analisar o processo de realinhamento do eleitorado branco que ocorreu no final do século XX, e os seus principais motivos. O objetivo é oferecer um lastro histórico e conceitual do populismo nacionalista estadunidense que seja capaz de contextualizar um fenômeno particular dos desenvolvimentos políticos mais recentes nos EUA, o trumpismo.

Por fim, o terceiro capítulo analisa a relação entre os elementos reunidos nos capítulos anteriores aos resultados da eleição presidencial dos EUA em 2016. Em seguida, a pesquisa analisa esses resultados a partir de recortes demográficos, étnicos, de gênero, religiosos, etc., entre o eleitorado de Donald Trump (republicano) e Hillary Clinton (democrata). As hipóteses subjacentes procuram afirmar que: i) existem contiguidades conceituais, históricas e mesmo institucionais (políticas partidárias) entre o *Tea Party* e o trumpismo – o que posicionaria o último no bojo da tradição do nacionalismo populista estadunidense –, e que ii) o *Tea Party* pode ser posicionado como o partido que protagoniza essa tradição, constituindo mesmo o elo entre o nacionalismo populista do século XX – corporificado na JBS – e a forma repaginada desse movimento no século XXI.

I – A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO POPULISMO ESTADUNIDENSE: uma breve genealogia histórico-política

A presença de mobilizações populares de caráter nacionalista e isolacionista é constante ao longo da história dos Estados Unidos. Michael Kazin (1998), por exemplo, expõe que o próprio nascimento dos Estados Unidos como um Estado soberano foi construído à luz de um ideário conflituoso entre os poderosos, isto é, os aristocratas ingleses, e os humildes e trabalhadores colonos norte-americanos¹. Desse modo, os grupos e personagens populistas que conseguem mobilizar uma parte da população americana se enxergam como patriotas e acreditam representar os verdadeiros valores fundadores da nação. Kazin afirma que um dos diferenciais do populismo americano com os outros encontrados ao redor do mundo seria o fato de

oradores populistas nos Estados Unidos expressaram uma profunda indignação com as elites que ignoraram, corromperam e/ou traíram o ideal central da democracia americana: governo pelo povo comum que esperava que seus concidadãos avançassem com diligência, inteligência prática e uma fé somente em Deus² (KAZIN, 1998, p. 2, tradução nossa).

Portanto, traços do que eventualmente se tornará a base para a retórica populista podem ser identificados na formação histórica dos Estados Unidos. Entretanto, o populismo como um conceito estudado no meio acadêmico é relativamente novo e não possui uma definição consolidada. O termo originou-se no século XIX como uma auto-descrição pelos integrantes do *People's Party*, um partido rural americano fundado em 1892, e como uma tradução aproximada da palavra russa *narodnik*, utilizada por intelectuais russos na década de 1860

¹ Para compreender o discurso populista nos EUA, Kazin (1998) remete-se a duas visões de mundo que integram a cultura política americana desde o século XIX: a perspectiva pietista, que ocorreu por meio dos *Great Awakenings* (períodos da história americana marcados pela grande participação da religião protestante na sociedade), e a perspectiva esclarecida, que defende o pensamento prático e a capacidade de qualquer homem comum em pensar por si mesmo. A presença dessas retóricas são encontrados em movimentos como a Democracia Jeffersoniana, a Democracia Jacksoniana e o *People's Party*.

² No original: “[p]opulist speakers in the United States voiced a profound outrage with elites who ignored, corrupted, and/or betrayed the core ideal of American democracy: rule by the common people who expected their fellow citizens to advance by diligence, practical intelligence, and a faith in God alone”.

(CANOVAN, 1981, p. 5-6). Assim, o início da evolução conceitual do populismo nos estudos acadêmicos surgiu de duas mobilizações diferentes, e isso é um dos fatores que dificulta a utilização e entendimento do termo (ALLCOCK, 1971; CANOVAN, 1982).

1.1 A DEMOCRACIA JACKSONIANA E O “HOMEM COMUM” NA POLÍTICA

Ainda levando em consideração a historiografia dos Estados Unidos, fica claro que os ideais populistas não foram introduzidos na sua cultura política pelo *People's Party*. Para Richard Hofstadter (1969, p. 12), os ideais jacksonianos são fundamentais para interpretar o desenvolvimento do pensamento populista americano, devido a sua contribuição de formar o pensamento de muitos líderes do *People's Party*. Harold Bradley (1999), por sua vez, considera Andrew Jackson como um fundador da presidência moderna nos Estados Unidos, pois ele foi o primeiro presidente eleito que montou uma candidatura focada em conquistar uma maioria eleitoral.

Antes de se tornar o sétimo presidente, Jackson serviu o exército americano como general e ficou conhecido no país pela sua liderança na Guerra Anglo-Americana de 1812-1815 e nas Guerras Seminoles. O sucesso na carreira militar foi um dos fatores que facilitou a sua vitória nas eleições presidenciais (BRADLEY, 1999). Outros motivos estão relacionados na sua capacidade de instrumentalizar mudanças que ocorreram no sistema político da época, como o sufrágio masculino, na sua corrida presidencial³. Sendo assim, a eleição de 1828 foi marcada por uma expansão significativa do eleitorado, e Jackson foi o político que melhor usou de novas estratégias para conquistá-los. Dentre algumas delas, Michael Holt destaca que

³ Até o início do século XIX, as disputas eleitorais nos Estados Unidos eram mais acirradas no nível estadual e local do que na esfera nacional. Isso ocorria devido a certas características da estrutura política, como o sufrágio censitário. Desse modo, os possíveis candidatos presidenciais preferiam constituir alianças apenas com as elites políticas locais de uma região, não necessitando conquistar uma maioria absoluta da população. Entretanto, pelo final da segunda década, muitos estados americanos haviam implementado sufrágio para todos os homens brancos maiores de idade, independente de renda e propriedade (HOLT, p. 8, 2003).

eleitores tiveram que ser mobilizados diretamente; alianças de elites locais leais a um ou outro líder político não podiam mais vencer. As questões agora tinham de ser enquadradas em termos que fossem compreensíveis e atraentes para eleitores relativamente menos instruídos e menos interessados. Às vezes, essa necessidade significava apresentar políticas específicas em amplos termos ideológicos ou simbólicos; às vezes significava desenvolver questões de campanha que ressoavam nas emoções, valores e preconceitos dos eleitores, mas que não tinham um foco programático específico⁴ (HOLT, 2003, p. 8-9, tradução nossa).

Jackson e estrategistas de seu partido, o recém-formado Partido Democrata, também tinham a seu favor o sentimento de ressentimento que muitos cidadãos tinham com a administração do atual presidente, John Adams. Por meio da criação de comitês, clubes e organizações jornalísticas, eles disseminaram propaganda contra Adams, criticando-o pelo seu intelectualismo e articulação política, e elogiando Jackson, por representar os verdadeiros valores da república. Os jacksonianos também focaram nos novos rituais políticos que foram surgindo com o aumento do eleitorado, como a realização de comícios em massa e desfiles (HOLT, p. 9, 2003).

Portanto, a eleição de 1828 representou uma mudança nas estratégias das campanhas presidenciais americanas, e teve Andrew Jackson e seus seguidores no centro dessas transformações. Michael Kazin afirma que essa onda democrática entre os homens brancos convergia com os ideais do cristianismo protestante. Os dois grupos estão muitas das vezes interseccionados, e muitas das novas igrejas protestantes da época, metodista, batista e mórmon, foram importantes para estimular a maior participação desse novo eleitorado masculino (KAZIN, 1998, p. 11).

Joshua Lynn (2019) constata como a Democracia Jacksoniana construiu um discurso político voltado para o novo participante da política norte americana, o homem branco de classe baixa. Assim,

⁴ No original: “[v]oters had to be mobilized directly; alliances of local elites loyal to one political leader or another could no longer win. Issues now had to be framed in terms that were understandable and compelling to relatively less educated and less interested voters. At times this necessity meant presenting specific policies in broad ideological or symbolic terms; at times it meant developing campaign issues that resonated with voters’ emotions, values, and prejudices but that had no specific programmatic focus”.

democratas haviam forjado essa ordem política revolucionária ao consagrar uma concepção moderna de direitos como iguais, naturais e racialmente definidos. Eles derrubaram entendimentos mais antigos da sociedade, pelos quais as obrigações e direitos de uma pessoa eram calibrados em relação a outras pessoas em uma escala móvel de hierarquia social. Um espectro de direitos existia na América colonial e no início da república, quando o status econômico e doméstico determinava o privilégio político. [...] Os seguidores de Thomas Jefferson e Andrew Jackson então os separaram invertendo a equação [...] com a premissa de direitos políticos iguais para todos os homens brancos em virtude de sua brancura e masculinidade⁵ (LYNN, 2019, p. 2, tradução nossa)

Desse modo, Jackson argumentou que sua eleição representava uma renovação na democracia dos Estados Unidos, onde fatores econômicos não impediriam mais o homem branco de participar da política do seu país. Entretanto, os direitos naturais de participação política que Jackson e os partidários do Partido Democrata defendiam não era uma abstração universal baseada apenas em princípios jusnaturalistas, eles eram definidos por etnia e gênero. Quando mobilizações a favor da expansão do voto para mulheres e negros emergiram, entre os anos de 1840 e 1850, os democratas argumentaram contra. Os argumentos eram baseados na oposição ao uso de leis governamentais, isto é, da utilização do poder coercitivo do governo para interferir em uma comunidade local, que poderia colocar em risco a capacidade do povo estadunidense de se auto-governar e consequentemente, desestabilizar a ordem local (LYNN, 2019). Sendo assim, Joshua Lynn (2019) argumenta que além de influenciar futuros movimentos populista estadunidense, um dos legados dos democratas jacksonianos foi a sua influência no pensamento conservador contemporâneo dos EUA, pois eles estruturaram um discurso político capaz de “[unir] o individualismo liberal e a democracia majoritária à ordem social e racial” (LYNN, 2019, p. 188).

Ainda que houvessem diferenças, muitos líderes do *People's Party* de 1892 consideravam os princípios jacksonianos aplicáveis a situação enfrentada pelos agricultores americanos. Eles acreditavam que a Democracia Jacksoniana

⁵ No original: “[d]emocrats had forged this revolutionary political order by enshrining a modern conception of rights as equal, natural, and racially defined. They overturned older understandings of society, by which one’s obligations and rights were calibrated relative to others on a sliding scale of social hierarchy. A spectrum of rights existed in colonial and early republican America, when economic and household status determined political privilege. [...] The followers of Thomas Jefferson and Andrew Jackson then burst them asunder by reversing the equation [...] with the premise of equal political rights for all white men by virtue of their whiteness and manhood”

acreditava, antes de tudo, no direito dos homens comuns de participar da política (HOFSTADTER, p. 11, 1969). Sendo assim, esses líderes partidários consideravam a era jacksoniana os anos de ouro da democracia americana, e pregavam um retorno efetivo desses ideais, da época quando o homem humilde tinha voz no governo (KAZIN, p. 10, 1998).

1.2 A MOBILIZAÇÃO RURAL E A EXPANSÃO DO FARMERS ALLIANCE

Como já mencionado, o *People's Party* foi de extrema importância para a história conceitual do populismo. Esse partido, também conhecido apenas como *Populist Party*, foi idealizado em 1892 por uma das principais organizações agrárias dos Estados Unidos do século XIX: o *Farmers Alliance*. Portanto, antes de adentrar nas particularidades do partido, é necessário compreender a formação e a agenda política dessa aliança.

A *Farmers Alliance* foi composta por alianças secundárias que eram separadas com base na região geográfica e etnia. A *National Farmers' Alliance* (ou *Northern Alliance*) era a principal aliança agrícola das regiões oeste e centro-oeste dos Estados Unidos, criada em 1880. A *National Farmers' Alliance and Industrial Union* (ou *Southern Alliance*), por sua vez, foi criada aproximadamente no Texas em 1875, e era uma cooperativa de fazendeiros brancos sulistas. A participação da população negra sulista não era permitida no *Southern Alliance*, o que causou a criação paralela da *Colored Farmers' National Alliance and Cooperative Union* em 1886, também no Texas. Entretanto, eles agiam subordinados a aliança principal da região do sul, que enxergava a exclusão dos membros negros como algo essencial para obter melhores resultados nas eleições (CANOVAN, p. 29, 1981)⁶.

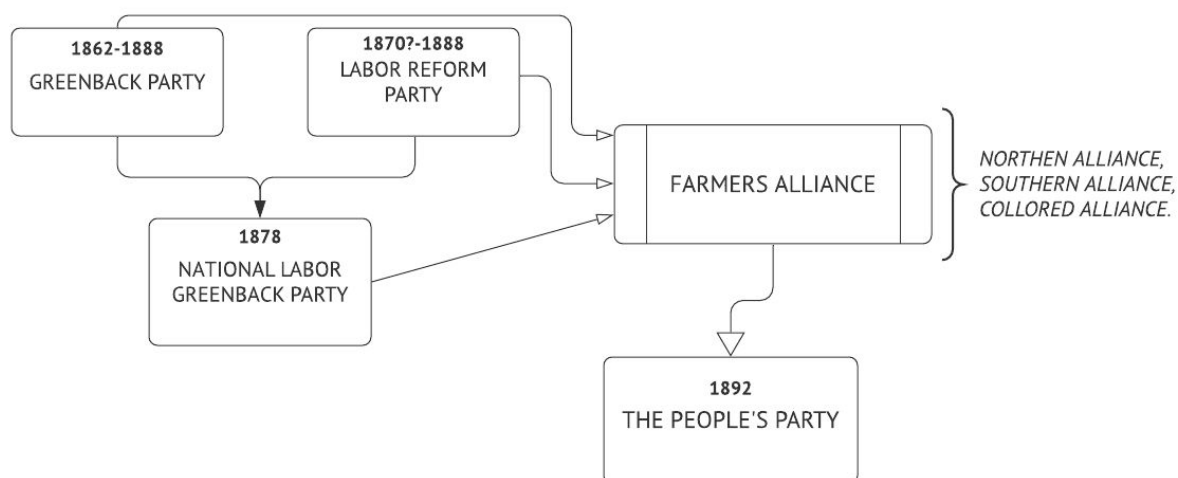
Ao longo da sua existência, o *Farmers Alliance* também foi associando no seu conjunto de membros os integrantes de três partidos menores, que eventualmente se desfizeram: o *Greenback Party*, *Labor Reform Party* e o *National Greenback Labor Party*⁷. Os agricultores do *Farmers Alliance* identificaram neles reivindicações

⁶ Como Kazin (1998, p. 14) afirma: “[t]he rising of ‘the people’ was an avowedly white affair; the democratic vision rarely extended across the color line”.

⁷ O *Greenback Party*, por exemplo, teve origens rurais, e defendia o aumento da circulação do papel-moeda. Nos seus últimos anos de existência, ele já tinha perdido parte significativa dos seus

que eram consideradas como fundamentais, como as greves realizadas pelos trabalhadores ferroviários contra os monopólios desse setor de transporte (CANOVAN, p. 29, 1981). A partir das fontes investigadas, o estudo elaborou o gráfico abaixo, com o objetivo de conferir um elemento visual à genealogia proposta.

Fotografia 1 -



Fonte: autoral.

Desse modo, é possível afirmar que muitas das demandas específicas desses partidos políticos menores foram absorvidas pelo *Farmers Alliance* e eventualmente repassadas para o novo partido, o *People's Party*, no ano de 1892.

1.2.1 A criação efetiva do *People's Party* em 1892

Em 1889, quando a *Northern Alliance* e a *Southern Alliance* planejaram uma convenção na cidade de St. Louis, ambas alianças consistiam de agricultores do campo e trabalhadores assalariados. Portanto, a introdução da aliança na esfera política americana foi uma estratégia de unir os produtores do sul e oeste do país, uma maioria absoluta que não tinha seus interesses representados, contra os empresários, credores, banqueiros e industriais do leste (CANOVAN, p. 29, 1981). A primeira conferência nacional do partido ocorreu em 1892, lançando a candidatura

membros. Em 1878, ele formou uma coalizão com o partido trabalhista *Labor Reform Party*, dando origem ao *National Greenback Labor Party* (GUNN, s.d.).

presidencial de James B. Weaver. O argumento principal era de que eles representavam os verdadeiros produtores do país, porém, os políticos da época faziam leis beneficiando apenas a elite empresarial e industrial. Nos comícios, os oradores populistas denunciavam o abandono e descaso do governo americano para com o cidadão comum, que estava a mercê dos monopólios, dos políticos, dos empresários, e, principalmente, dos plutocratas de *Wall Street* (CANOVAN, 1981, p. 32-33).

1.2.2 Nota acerca da pluralidade de interpretações acerca do *People's Party*

Muitos acadêmicos americanos divergem entre si na interpretação do *People's Party*. Alguns autores, particularmente John Hicks (1961) e Norman Pollack (1967), caracterizam o partido como um fenômeno saudável, sendo uma resposta legítima da população rural diante do desamparo causado pela industrialização. Concordando com essa análise, Lawrence Goodwyn (1976) também considerou a importância do *People's Party* como uma experiência de participação democrática na política, ou seja, uma oportunidade para os agricultores americanos expressarem suas demandas e reivindicações (CANOVAN, 1981, p. 46-51). De fato, o contexto histórico da criação de todas essas mobilizações aconteceu no início da segunda Revolução Industrial. Se por um lado, a industrialização possibilitou modernizar o processo produtivo americano e elevar o crescimento econômico, por outro, as relações campo-cidade também sofreram transformações. Os agricultores do oeste e do sul dos Estados Unidos constantemente se encontravam sem poder para negociar com as forças políticas da industrialização. As empresas ferroviárias, em específico, ganhavam cada vez mais influência com a expansão para a região do oeste americano. Na prática, o setor ferroviário estabeleceu um monopólio no transporte de bens entre o campo e a cidade. Desse modo, os fazendeiros, que dependiam das ferrovias para transportar os seus grãos ao mercado e adquirir equipamentos e suprimentos, se viram forçados a pagar taxas de fretes cada vez mais altas. Essas tarifas chegavam a ser quatro vezes mais caras do que as mesmas tarifas taxadas para o leste americano (CANOVAN, 1981, p. 18-19).

Outro problema constante na vida desses agricultores americanos era o ciclo constante de dívidas e débitos para com os credores, empresários e banqueiros. Despesas que eram necessárias para comprar máquinas, sementes, fertilizantes e outros produtos essenciais se tornavam cada vez mais caras, e o lucro da venda da colheita diminuiu. Além disso, muitos agricultores não eram os proprietários da terra que produziam, o que resultava no constante endividamento com o arrendador da propriedade. A consequência desse arranjo é um aumento no número de agricultores endividados, e com baixas chances de conseguir quitar todas as dívidas (BAUER, 2018). Portanto, foi esse crescente sentimento de impotência diante das empresas e de credores dos centros urbanos que motivou uma parte significativa dos trabalhadores rurais das regiões sul e oeste dos Estados Unidos a se mobilizarem politicamente. Todas essas alianças tinham como principal objetivo representar os interesses da categoria agrícola⁸.

1.2.3 O *People's Party* enquanto “mito agrário”: a interpretação de Richard Hofstadter

Richard Hofstadter (1950) considera as interpretações sobre o *People's Party* feitas por seus contemporâneos como perspectivas baseadas no *agrarian myth*⁹.

⁸ Uma das pautas defendidas era a implantação de um sistema de crédito agrícola por parte do governo. Eles também apoiavam o estabelecimento do imposto de renda progressivo e eleições diretas para senadores. Além disso, eles acreditavam no poder de prover para a sua própria comunidade, e conseguiram estabelecer o projeto *Farmers' Alliance Exchange of Texas*. O programa tinha como função a comercialização da produção dos fazendeiros regionais a preços mais favoráveis e o fornecimento de crédito para agricultores que se encontravam endividados. Em alguns estados, como na Geórgia, foram disponibilizadas lojas e empresas cooperativas que forneciam produtos agrícolas básicos e outros suprimentos a preços mais acessíveis para os fazendeiros locais (HILD, 2005). A aliança também ficou conhecida por promover protestos contra fabricantes que tentavam aumentar os preços de produtos essenciais para os agricultores, como por exemplo, o boicote que ficou conhecido como *The Jute Bag Boycott of 1889*, realizado contra os fornecedores de juta, uma fibra têxtil vegetal usada no ensacamento do algodão (CANOVAN, 1981, p. 27). Mesmo com a conquista de algumas vitórias significativas para o movimento, a aliança não foi capaz de sustentar a maioria de suas cooperativas, devido à falta de capital para mantê-las. Isso, somado com a resistência de banqueiros locais e outros empresários opositores, levou a quebra de muitos dos projetos da *Farmers Alliance*, como o *Texas Exchange*. Essa falência fez alguns dos integrantes desistirem e saírem da aliança. Entretanto, ela foi também o principal fator que impulsionou a entrada em uma escala nacional da *Farmers Alliance* na política (CANOVAN, 1981, p. 28).

⁹ Termo criado pelo próprio autor, compreendido como: “*a sentimental attachment to rural living and upon a series of notions about rural people and rural life*” (HOFSTADTER, 1950, p. 20). O constante crescimento da urbanização e modernização causou a adoção de um tom antagonista diante da

Antes identificado em países da Europa, no movimento literário do Romantismo, o *agrarian myth* se adaptou na política americana por meio de figuras como Thomas Jefferson, Thomas Paine e George Logan. A Democracia Jacksoniana continuou com esses ideais de tradição agrícola. Ao final do século XIX, ele já era parte essencial da identidade nacional dos Estados Unidos, sendo encontrada nos mais diferentes tipos de discursos políticos, utilizada por políticos nacionalistas, ruralistas, trabalhistas, etc. (HOFSTADTER, 1950, p 21-23).

De maneira geral, o interesse da comunidade acadêmica americana sobre os populistas rurais do século XIX foi despertado com o aumento dos estudos acerca do populismo. Isso ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, principalmente com o advento do senador Joseph McCarthy (CANOVAN, 1981, p. 47). O sociólogo Seymour Martin Lipset (1960) identificou que muitos americanos que viviam em áreas rurais ou em cidades menores, se identificaram com o macarthismo devido à falta de representatividade na política tradicional (ALLCOCK, 1971).

1.3 A ASCENSÃO DE JOSEPH MCCARTHY E A CONCEITUAÇÃO DO POPULISMO

A figura do senador republicano Joseph R. McCarthy é uma das mais emblemáticas na história contemporânea dos Estados Unidos, e de extrema importância para a conceituação do populismo nos estudos acadêmicos dos EUA. O termo foi amplamente utilizado na década de 1960 no vocabulário da sociologia política.

Em 1954, Edward Shils foi um dos primeiros autores a reutilizar o conceito para descrever as ações do senador. Shils identificou no macarthismo uma expressão do populismo americano, e um fenômeno capaz de colocar em risco o estado de direito, uma vez que questiona seus princípios básicos, como a independência dos três poderes, especialmente do judiciário, e o direito de habeas

cidade e seus moradores: “[o]ut of the beliefs nourished by the agrarian myth there had arisen the notion that the city was a parasitical growth on the country” (HOFSTADTER, 1950, p. 27-28).

corpus. Shils afirma que essas mobilizações deturpam os ideais de liberdade e igualdade dos fundamentos da democracia americana, pressupondo a superioridade do povo sobre qualquer outro tipo de autoridade, sejam políticos, juízes ou intelectuais (ALLCOCK, 1971, p. 372-373).

1.3.1 O anticomunismo na agenda política nacional dos EUA

No contexto do macarthismo, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e *House Un-American Activities Committee* (HUAC) foram as duas principais instituições do país que conduziram as investigações contra os supostos comunistas e qualquer indivíduo suspeito de subversão (SCHRECKER, 2002, p. 15). McCarthy e seus seguidores representaram na política americana o sentimento encontrado não apenas na maioria dos americanos da época, como também nas instituições dos Estados Unidos. Ellen Schrecker (2002) afirma que, desde o final da década de 1940,

quase todas as agências se envolveram na cruzada anticomunista. Do Departamento de Estado e Congresso aos Correios e à Suprema Corte, burocratas federais, políticos e juízes lutaram com as questões do comunismo doméstico¹⁰ (SCHRECKER, 2002, p. 25-26, tradução nossa).

Desse modo, a administração Truman teve um papel fundamental no estabelecimento dessa agenda de segurança nacional. A assinatura em 1947 da *Executive Order 9835*, ou *Loyalty Order*, causou a demissão de funcionários públicos a partir de acusações anônimas e investigações confidenciais. Os critérios eram amplos e ao mesmo tempo vagos, e incluíam, por exemplo, desde ter amigos considerados comunistas até em defender o fim da discriminação racial (SCHRECKER, 2002, p. 44). A relação do comunismo com práticas consideradas como imorais e perversivas foi constante no pós-Segunda Guerra. Em 1953, com a assinatura da *Executive Order 10450*, o presidente Eisenhower possibilitou que muitos funcionários públicos fossem despedidos ou obrigados a renunciar seus

¹⁰ No original: “almost every agency became involved in the anti-Communist crusade. From the State Department and Congress to the Post Office and the Supreme Court, federal bureaucrats, politicians, and judges struggled with the issues of domestic communism”.

cargos devido ao aparato legal da época relacionar a homossexualidade com o comunismo. Esse período durou até a década de 1970, e é conhecido como *Lavender Scare* (ADKINS, 2016). Desse modo, o anticomunismo como política nacional foi responsável por relacionar o comunismo com pautas liberais, e o macarthismo apenas ampliou o discurso incluindo acadêmicos ou intelectuais em geral, movimentos trabalhistas e a elite do leste dos EUA, todos considerados como defensores do comunismo internacional (PARSONS, 1964, p. 187). Por fim, havia também o descontentamento do eleitorado conservador diante das agendas políticas do Partido Democrata, em especial o *New Deal* (HOFSTADTER, 1955, p. 63-64). Muitos conservadores acreditavam que alguns indivíduos que defendiam as políticas do *New Deal* eram comunistas infiltrados, e o establishment liberal não tomava as medidas necessárias para identificá-los (SCHRECKER, 2002, p. 37). Portanto, todos esses fatores apresentados nortearam a opinião pública americana e proporcionaram a grande popularidade do senador.

1.3.2 Interpretações acerca do macarthismo

Em 1955, o historiador Richard Hofstadter (1964) escreveu sobre uma dinâmica de dissidência no eleitorado americano, a qual chamou de pseudo-conservadora¹¹. O macarthismo seria apenas um sintoma de um processo maior, um resultado de crises não apenas na esfera econômica, mas, principalmente, devido às tensões sociais na sociedade americana (HOFSTADTER, 1964, p. 82). De forma certamente visionária, o autor acreditava que esse fenômeno populista pudesse continuar pelo século inteiro no meio político do país (HOFSTADTER, 1964, p. 78).

¹¹ A ideia do pseudo-conservadorismo foi conceituado no livro *The Authoritarian Personality* (1950), e Hofstadter utiliza-o como base para afirmar que os pseudo-conservadores do século XX “*believe themselves to be conservatives and usually employ the rhetoric of conservatism, [but] show signs of a serious and restless dissatisfaction with American life, traditions and institutions. They have little in common with the temperate and compromising spirit of true conservatism in the classical sense of the word, and they are far from pleased with the dominant practical conservatism of the moment as it is represented by the Eisenhower administration. Their political reactions express rather a profound if largely unconscious hatred of our society and its ways*” (HOFSTADTER, 1963, p. 64).

No mesmo ano de 1955, Seymour M. Lipset (1964) fez uma análise sobre a emergência de movimentos que ele caracteriza no espectro político do *radical right*, tendo em mente principalmente o macarthismo. O autor caracteriza essas mobilizações como extremistas devido elas não respeitarem as instituições dos Estados Unidos; ativamente buscam exterminar da vida pública indivíduos, leis, entidades e procedimentos que não condizem com seus objetivos ou valores; e, por fim, utilizam e incentivam métodos não democráticos (LIPSET, 1964, p. 254). Anos depois, Lipset (1960) discute as possíveis bases sociais dessas mobilizações populares, em uma tentativa de identificar as origens para esse tipo de movimento. Ele acredita que

A pequena burguesia desses setores não apenas sofre privações devido ao declínio relativo de sua classe, mas também são cidadãos de comunidades cujo status e influência dentro da sociedade em geral estão diminuindo rapidamente. De vez em quando, dependendo de vários fatores históricos específicos, seu descontentamento os leva a aceitar diversas ideologias de protesto irracionais - regionalismo, racismo, supranacionalismo, anticosmopolitismo, macarthismo, fascismo¹² (LIPSET, 1960, p. 170, tradução nossa).

Sendo assim, o autor afirma que mudanças na estrutura social de uma sociedade são apontadas como possíveis motivos para compreender a ascensão de fenômenos como o macarthismo. Em 1962, ele realizou um estudo sobre o cenário político americano do século XX e detectou um aumento na frequência de mobilizações extremistas. O macarthismo seria apenas um dos movimentos mais conhecidos. Lipset destaca outros dois: o *Coughlinism* e a *John Birch Society* (JBS). Ainda que apresentem diferenças, o fator em comum que essas três manifestações políticas possuem é a presença de um discurso que desrespeita as próprias instituições dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que afirmam defender e representar valores tradicionais estadunidenses (LIPSET, 1964, p. 313).

O sociólogo William Kornhauser (1960) identifica o populismo como um fenômeno político propício não apenas nos Estados Unidos, mas em qualquer

¹² No original: “[t]he petty bourgeoisie of these sections not only suffer deprivation because of the relative decline of their class, they are also citizens of communities whose status and influence within the larger society is rapidly declining. From time to time, depending on various specific historical factors, their discontent leads them to accept diverse irrational protest ideologies—regionalism, racism, supranationalism, anticosmopolitanism, McCarthyism, fascism”.

sociedade moderna que não possua instituições sociais capazes de conter certas tendências. Para o autor, as sociedades contemporâneas são constituídas de um atrito entre as tendências de massa e as tendências pluralistas, e, em geral, são mais propensas a desenvolver características da sociedade de massa¹³. Desse modo, as estruturas sociais são essenciais para a manutenção de uma democracia liberal e de suas instituições democráticas (KORNHAUSER, 1960, p. 13-14).

1.4 O *COUGHLINISM* E A *JOHN BIRCH SOCIETY*: A RELIGIOSIDADE E O ANTICOMUNISMO NAS MOBILIZAÇÕES POPULARES DO SÉCULO XX

O *Coughlinism* foi um movimento criado ao redor do programa de rádio do padre Charles E. Coughlin, que perdurou de 1926 até 1942. Coughlin é considerado um dos precursores do rádio moderno e do televangelismo, e foi a inspiração de grupos paramilitares anticomunistas como o *Cristian Front*. Antes do período bipolar da Guerra Fria e de figuras como McCarthy, Charles Coughlin foi capaz de mobilizar um movimento “que contava em suas hierarquias idosos aposentados, fazendeiros, comerciantes rurais e pequenas cidades, e homens e mulheres desiludidos de classe média urbana de muitas denominações religiosas” (WARREN, 1996, p. 2, tradução nossa). Dentre alguns dos alvos do *Coughlinism*, é possível citar os banqueiros, plutocratas, marxistas e financiadores internacionais.

A *John Birch Society* (JBS), por sua vez, foi criada em 1958 por Robert Welch e é considerada o movimento mais atraente e eficiente no campo da extrema direita do final do século XX (WESTIN, 1964, p. 202). No estudo realizado por Alan Westin em 1962 sobre a ideologia da JBS, ele destaca o caráter conspiratório do movimento. Desse modo, os membros da JBS acreditam em uma infiltração de comunistas dentro do governo, em todos os seus níveis. A JBS defendia veementemente os ideais do senador Joseph McCarthy, que despertou o

¹³ Kornhauser utilizou como base na sua argumentação a teoria sociológica da Sociedade de Massa, uma teoria sociológica que afirma que um dos fatores que leva ao extremismo é a isolamento social (BUECHLER, 2013). Para o autor, sociedade de massa (*mass society*) não é sinônimo de sociedades modernas, industriais ou totalitárias, e sim: “as a set of conditions under which democratic institutions are vulnerable to totalitarianism, rather than as a set of conditions underlying totalitarian institutions” (KORNHAUSER, 1960, p. 16).

anticomunismo em muitos setores da sociedade estadunidense. Com as investigações contra o senador e o seu eventual declínio político, a JBS foi vista como uma continuação na luta contra o comunismo (MULLOY, 2014). O próprio Welch ganhou relevância na política americana em cima de figuras políticas importantes, das quais acusava de serem agentes soviéticos infiltrados, estratégia chamada de *red-baiting* (BLUMENTHAL, 2009, p. 14). Assim, presidentes, secretários de Estado, diretores do serviço de inteligência e juízes chefes são acusados de serem simpatizantes comunistas ou membros do partido comunista. As organizações sindicais, o sistema educacional em geral, universidades, a Câmara de Comércio dos Estados Unidos, o Conselho Nacional de Igrejas, as organizações internacionais¹⁴ e qualquer acordo internacional são considerados perigosos e potencialmente comunistas (WESTIN, 1964, p. 205-208).

Desse modo, a conceituação do populismo nos Estados Unidos ocorreu a partir de uma gama de mobilizações populares ao longo de diferentes momentos da história. Nem todos os outros movimentos apresentam semelhanças ou origens em comum. A Democracia Jacksoniana e a figura de Andrew Jackson protagonizaram as mudanças na estrutura eleitoral do início do século XIX, com a expansão do sufrágio masculino, representando o desejo do cidadão branco de renda baixa e/ou sem propriedade em participar da política do seu país. Jackson explorou o sentimento de reminiscência entre o eleitorado, buscando relembrar os ideais da Revolução Americana. O *People's Party* foi criado no final do século XIX e início do século XX, a partir de movimentos agrários no sul e centro-oeste dos EUA, e argumentando representar uma maioria insatisfeita diante do processo de industrialização americano. Ambos movimentos afirmam defender a representação política do verdadeiro povo americano, contra os privilégios da elite. Na maioria dos casos, esse povo é constituído apenas pela população branca.

Desse modo, transformações na sociedade americana, fenômenos como a industrialização, urbanização e a modernização, em geral, são possíveis explicações para o surgimento desse tipo de mobilização. O macarthismo representou apenas

¹⁴ Em fevereiro de 1962, a JBS lançou uma campanha contra a Organização das Nações Unidas (ONU), intitulada de *Get Us Out! of the UN*. O seu site afirma que essa mobilização contra a ONU continua ainda até os dias de hoje, e foi capaz de diminuir de 80% para 30% o apoio nacional sobre essa organização internacional (JBS, online).

mais um dos vários movimentos que surgiram ao longo da metade do século XX. Assim, os acadêmicos da época relacionaram o conceito de populismo com o macarthismo e com outros movimentos radicais de direita no final do século XX. Dentre os motivos, é possível citar o contexto da guerra fria e a instrumentalização do anticomunismo como uma agenda política nacional.

Portanto, é possível identificar mobilizações e manifestações populares importantes na historiografia estadunidense que remontam defender os “verdadeiros valores” da pátria americana, e são reconhecidas pelos acadêmicos como essenciais para a historiografia do populismo. Levando em consideração as discussões apresentadas, o próximo capítulo do estudo ficará voltado a analisar a participação de movimentos populistas da metade do século XX nos Estados Unidos, em específico a *John Birch Society* (JBS). Além disso, o estudo buscará verificar de que maneira o seu poder de influência ocorreu no cenário político da época, e como a organização envolveu-se no processo de realinhamento eleitoral do século XX.

II – OS MOVIMENTOS DE EXTREMA DIREITA POPULISTA E O PROCESSO DE REALINHAMENTO ELEITORAL AO LONGO DO SÉCULO XX

Analisando a realidade política dos EUA, Abramowitz (2017) apresenta um estudo sobre os eleitores que tradicionalmente votaram no Partido Republicano entre o período 1970 até 2012. O autor utiliza o conceito de “realinhamento racial” para explicar a transformação que ocorre no partido desde os anos 1970. Décadas antes de Trump se candidatar como presidente, o autor afirma que houve um engajamento por parte do Partido Republicano para montar estratégias que conquistem os eleitores brancos conservadores, principalmente na região sul. Eles recorreram, por exemplo, a críticas sobre as políticas públicas que estimulam a inclusão do afro-americano na sociedade americana, além do uso de índices sobre a violência nacional para demonstrar uma suposta relação entre negros e problemas na segurança pública. Além disso, eles acusam a cumplicidade do Partido Democrata diante dessas ameaças (ABRAMOWITZ, 2017, p. 274-276).

Os anos de 1992 e 2012 foram quando esse fenômeno se agravou consideravelmente. Em uma pesquisa de 2012, 66% da população branca do sul se identificava com os republicanos. Ao mesmo tempo, houve um constante aumento da presença dos eleitores não-brancos no Partido Democrata, índice que chegou a 45% em 2012 (ABRAMOWITZ, 2017, p. 275). Dentre os fatores para essa mudança, é possível citar fatores econômicos e sociais, como a discordância sobre gastos governamentais em programas sociais, a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a diversificação da população nacional.

Desse modo, a disparidade na forma de votar entre grupos sociais e a hostilidade do eleitorado branco diante da candidata democrata não se deram apenas devido a Trump e seus retweets em supremacistas brancos¹⁵. Havia fatores antecessores a candidatura do republicano que ajudaram na sua vitória, e as

¹⁵ Até janeiro de 2016, 62% das postagens retweetadas pelo candidato Donald Trump na rede social Twitter foram criadas por contas de supremacistas brancos, incluindo simpatizantes nazistas (HATHAWAY, 2016).

mudanças que ocorreram dentro de seu partido e entre seu eleitorado estão intrinsecamente relacionadas ao resultado de sua eleição.

2.1 O PAPEL DOS MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS NA EVENTUAL FUGA DA BASE ELEITORAL DO PARTIDO DEMOCRATA PARA O PARTIDO REPUBLICANO

De forma geral, a transição dos eleitores da região sul dos EUA, historicamente eleitores do Partido Democrata, para o Partido Republicano, teve início no final da década 1940, atingiu o seu auge nos anos de 1960, na candidatura do republicano Barry Goldwater em 1964 e se consolidou como estratégia eleitoral na administração de Richard Nixon. O alinhamento do eleitorado conservador com os republicanos teve como principais motivos: a emergência de movimentos a favor dos direitos civis no cenário político americano, os gestos de simpatia por parte de líderes democratas a esses grupos e as estratégias sucessivas de lideranças republicanas de conquistar esse eleitorado, como visto nas candidaturas presidenciais de Goldwater e Richard Nixon, em 1964 e 1968, respectivamente (APPLE, 1996).

Não há uma data exata de quando esse processo teve um início, e ele foi contínuo ao longo de toda a metade do século XX. Em 1947, por exemplo, houve um desentendimento muito importante entre o presidente democrata Harry Truman e os democratas do sul¹⁶. Truman demonstrou apoio às recomendações do relatório do *President's Committee on Civil Right*, defendendo o fim da discriminação e segregação da população negra. De maneira mais específica, Truman apoiou a proteção federal contra linchamento, o fim de taxas para votar, o estabelecimento permanente do *Fair Employment Practice Committee* e a proibição da segregação no transporte interestadual (FREDERICKSON, 2001, p. 2-3). Do ponto de vista estratégico, Truman e seus conselheiros políticos acreditavam no potencial eleitoral

¹⁶ Esse não foi o primeiro desentendimento entre sulistas e líderes democratas. Ainda que os quatro mandatos do Franklin D. Roosevelt, de 1932 até 1944, teve o fiel e contínuo apoio da região, muitos líderes democratas do sul expressaram desconforto com alguns aspectos sociais considerados 'mais radicais' do *New Deal*. (FREDERICKSON, 2001, p. 2)

que a população negra tinha a oferecer, especialmente em estados importantes do colégio eleitoral (DONALDSON, 2003, p. 31). Entretanto, como resposta,

segregacionistas do sul imediatamente e violentamente denunciaram a mensagem como um truque político barato e uma tentativa de tyrannizar a nação. Clifford e Truman previram as críticas sulistas, mas não a barragem determinada, prolongada e injuriosa que se seguiu. Ataques congressionais e editoriais ao presidente erigiram acusações de “uma punhalada nas costas” e ingratidão para com o Sul¹⁷ (SITKOFF, 1971 p. 601, tradução nossa).

Dentre essas acusações proferidas pelos democratas do sul, uma das principais era que “liberais urbanos capturaram o Partido Democrata e que eles pretendiam beijar [...] os pés de minorias” (SITKOFF, 1971, p. 601, tradução nossa). Desse modo, começou uma tentativa de boicote ao partido Democrata pelos seus próprios partidários da região sul. Isso se deu por meio de campanha a favor de candidatos locais republicanos¹⁸ ou democratas com uma agenda contrária à expansão dos direitos civis, além da recusa de apoiar qualquer projeto de lei do presidente. Nessa ocasião, muitos doadores sulistas chegaram a cancelar meio milhão de dólares de contribuição para o Comitê Nacional Democrata, e a desaprovação da figura de Truman cresceu de 18% para 57% nos estados do sul (SITKOFF, 1971, p. 602).

Além disso, surgiu um subgrupo do Partido Democrata intitulado *Dixiecrats*, também chamados de *States' Rights Democrats*, referência a corrente de pensamento político que defende o direito dos governos estaduais. De acordo com esse discurso, os governos estaduais possuem direitos de estabelecer suas próprias leis de acordo com tradições locais, que não podem ser questionadas pelo governo federal. O candidato dos *Dixiecrats* na eleição de 1948, Strom Thurmond, chega a citar a Declaração da Independência dos Estados Unidos para argumentar em favor

¹⁷ No original: “[s]outhern segregationists immediately and violently denounced the message as both a cheap political trick and an attempt to tyrannize the nation. Clifford and Truman had anticipated southern criticism but not the determined, prolonged, and vituperative barrage which followed. Congressional and editorial attacks upon the President bristled with accusations of “a stab in back”, and ingratitude to the South”.

¹⁸ O *Lily-White Movement*, por exemplo, foi um movimento segregacionista dentro do Partido Republicano, que organizou líderes republicanos brancos contrários a presença de eleitores e líderes partidários negros no partido (CASDORPH, online).

do direito dos estados de se autogovernar e das leis Jim Crow (FREDERICKSON, 2001, p. 7). Thurmond teve um resultado significativo na eleição presidencial, conquistando quatro dos quatorze estados da região sul. Os democratas do sul enxergavam negativamente as ações do seu partido e de seus líderes a favor dos direitos civis, pois acreditavam que o governo federal estava impondo leis que iam contra direitos inalienáveis da constituição americana. Frederickson (2001) afirma que

[...] os Dixiecrats representaram uma reação ao moderno estado de bem-estar que, com o tempo, alcançaria um público mais amplo, assustado com as decisões de desagregação escolar, leis de habitação justa e motins raciais e, eventualmente, [...] daria origem ao crescimento do Partido Republicano no Sul¹⁹ (FREDERICKSON, 2001, p. 7, tradução nossa)

Portanto, desde o final dos anos de 1940 já era possível identificar desentendimentos dentro do partido Democrata. Os eleitores e políticos do sul acreditavam que um desrespeito ao direito de autogovernança poderia significar consequentemente o fim da liberdade local, e uma imposição de uma tirania por parte do governo federal. Harry Truman eventualmente conseguiu apaziguar os sulistas e continuar com uma maioria democrata na região, levando dez dos quatorze estados do sul e garantiu sua eleição em 1948 (SITKOFF, 1971, p. 603). Ainda assim, esse acontecimento é considerado um marco para o início do processo de realinhamento partidário nos EUA e a eventual consolidação do eleitorado conservador dentro do Partido Republicano na década de 1960.

2.1.1 A administração Eisenhower e a divisão interna do Partido Republicano

O Partido Democrata não foi o único a vivenciar conflitos intra partidários. A política interna do Partido Republicano no pós-Segunda Guerra Mundial é marcada por constantes discordâncias sobre quais agendas políticas o partido deve adotar em sua plataforma. Os conservadores republicanos não concordavam com a

¹⁹ No original: “[...] the Dixiecrats represented a reaction to the modern welfare state that over time would reach a broader audience frightened by school desegregation decisions, fair housing laws, and race riots and eventually give rise [...] to the growth of the Republican Party in the South”.

insistência por parte da ala moderada do partido em priorizar uma agenda similar ao liberalismo oferecido pelos democratas. Para eles, foi uma estratégia falha nominar moderados liberais como Wendell Wilkie em 1940 e Thomas Dewey em 1944 e 1948 (DONALDSON, 2003, p. 3).

O sociólogo Daniel Bell (1964) identificou uma divisão dentro do Partido Republicano, principalmente no período da presidência de Dwight Eisenhower, entre 1952 e 1956. Dentre outros motivos, isso ocorreu devido a alta expectativa por parte dos republicanos conservadores, a eventual frustração deles diante da personalidade moderada de Eisenhower, e o reflexo disso em sua administração, que foi considerada tão ruim quanto as políticas de contenção de Truman e Acheson²⁰.

O senador McCarthy foi particularmente crítico sobre a administração de Eisenhower, considerando-o como um ingênuo, devido à insistência do presidente republicano em lidar com o comunismo doméstico por meio do devido processo legal (LIPSET, 1964, p. 316). O comprometimento de Eisenhower com as organizações internacionais era outro fator que preocupava tanto a ala da direita quanto a extrema direita, pois era consenso entre eles que a política externa americana deve ser unilateral, principalmente em questões relacionadas ao comunismo. A presença das Nações Unidas nas negociações do Acordo de Armistício Coreano em 1953 era duramente criticada por esses republicanos (DONALDSON, 2003, p. 6). O cientista político Geoffrey Kabaservice afirma que nos anos da administração Eisenhower uma nova forma de conservadorismo foi elaborada, o *New Right*. Esse movimento tinha

[o] poderoso senso de causa oferecido pela cruzada anticomunista do senador Joseph McCarthy, a colaboração de intelectuais como William F. Buckley Jr. e Russel Kirk para redefinir o conservadorismo como uma ideologia coerente, o aparecimento de revistas como *National Review* para fornecer um fórum e ponto de encontro para conservadores e o estabelecimento de redes e organizações em nível de base para recrutar indivíduos com ideias semelhantes. O objetivo imediato do conservadorismo do movimento era aproveitar a nomeação presidencial do Partido

²⁰ Dentre as expectativas que não foram atendidas, Bell afirma que “[a]fter twenty years of Democratic power, the right-wing Republicans hoped that the election of Dwight Eisenhower would produce its own Utopia: the dismantling of the welfare state, the taming of labor unions, and the ‘magical’ rollback of Communism in Europe” (BELL, 1964, p. 3).

Republicano, assumindo as organizações do partido e os fóruns nos quais os delegados da convenção nacional foram escolhidos. O objetivo de longo prazo era transformar o Partido Republicano em um órgão de ideologia conservadora e purgá-lo de todos os que resistiam à verdadeira fé. Os republicanos moderados foram os principais inimigos e alvos do conservadorismo do movimento. A necessidade de batalhar com os liberais democratas muitas vezes era apenas uma consideração secundária²¹ (KABASERVICE, 2012, p. 3, tradução nossa).

Essa oportunidade de conquistar a liderança do Partido Republicano veio a se concretizar na metade da década de 1960, na candidatura presidencial de Barry Goldwater, em 1964.

2.1.2 A nomeação de Barry Goldwater em 1964

A derrota em 1960 do candidato endossado pelos moderados do partido criou o cenário oportuno para a emergência de uma coalizão conservadora para a próxima eleição presidencial de 1964, com a liderança de Barry Goldwater, considerado na época o líder do conservadorismo americano (DONALDSON, 2003, p. 30). No auge da derrota dessa ala moderada, os republicanos conservadores estavam em um contexto intrapartidário favorável: uma oportunidade para introduzir uma agenda política que eles acreditavam ser o conservadorismo real, em total oposição ao conservadorismo moderado de republicanos como Eisenhower e ao liberalismo de republicanos como Nelson Rockefeller.

Na Convenção Nacional Republicana em 1964, a ala contrária a candidatura de Goldwater, liderada por William Scranton e Rockefeller, fez a defesa de uma plataforma de partido que repudiasse mobilizações extremistas em todo o espectro político, citando explicitamente a *John Birch Society* (JBS). Além disso, eles

²¹ No original: “[t]he powerful sense of cause offered by Senator Joseph McCarthy’s anti-Communist crusade, the collaboration of intellectuals such as William F. Buckley Jr. and Russell Kirk to redefine conservatism as a coherent ideology, the appearance of magazines such as *National Review* to provide a forum and rallying point for conservatives, and the establishment of networks and organizations at the grassroots level to recruit like-minded individuals. The immediate goal of movement conservatism was to seize the GOP’s presidential nomination by taking over party organizations and the forums in which national convention delegates were chosen. The longer-term goal was to transform the Republican Party into an organ of conservative ideology and purge it of all who resisted the true faith. Moderate Republicans were the primary enemies and targets of movement conservatism. The need to do battle with Democratic liberals often was only a secondary consideration”.

defenderam a Lei dos Direitos Civis e o dever do governo federal em assegurar o direito de voto para todos os americanos. Entretanto, os grupos conservadores apoiadores de Goldwater rejeitaram a plataforma com um total de 897 contra 409 votos (KABASERVICE, 2012, p. 138-139). Goldwater foi nomeado como candidato do Partido Republicano para a eleição presidencial com um resultado parecido, 883 contra 214 de Scranton (KABASERVICE, 2012, p. 142).

A vitória da candidatura de Goldwater teve profunda importância para o futuro da identidade do Partido Republicano. Goldwater fazia parte da ala dos republicanos críticos de Eisenhower. Além disso, os seus posicionamentos eram atraentes não apenas para os conservadores republicanos de seu partido, mas também para os conservadores do Partido Democrata, especialmente os da região sul. Goldwater votou contra a Lei dos Direitos Civis de 1964, criticou os movimentos a favor dos direitos civis e anunciou que sua candidatura presidencial teria como base a filosofia do direito dos estados. Goldwater foi o principal responsável por começar a traçar a estratégia eleitoral que nas próximas décadas ficaria conhecida como *southern strategy*. Desse modo,

A campanha de Goldwater deu ao GOP o que provaria ser um ponto de apoio duradouro entre os eleitores brancos do sul, e estratégias pioneiras que jogam com sentimentos antigovernamentais, ressentimentos raciais e resistência a mudanças sociais e culturais que compensariam os republicanos conservadores no futuro²² (KABASERVICE, 2012, p. 149, tradução nossa).

Portanto, ainda que o processo de realinhamento do eleitorado sulista para os republicanos teve seu início décadas antes, Goldwater foi o responsável por instrumentalizar o direito dos estados como estratégia de campanha do Partido Republicano. Esse discurso foi amplamente utilizado pelo eleitorado conservador para argumentar contra as mobilizações a favor dos movimentos civis e das intervenções do governo federal para garantir os direitos de voto da população negra.

²² No original: "Goldwater's campaign gave the GOP what would prove to be an enduring foothold among Southern white voters, and pioneered strategies playing upon anti-government sentiments, racial resentments, and resistance to social and cultural change that would pay off for conservative Republicans in the future".

2.2 A INFLUÊNCIA DA *JOHN BIRCH SOCIETY* NO PARTIDO REPUBLICANO E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1964

A década de 1960 foi marcada pela emergência de grupos anticomunistas de extrema direita, como a *John Birch Society* (JBS), *Minuteman* e o *Christian Anti-Communism Crusade*. A JBS, por exemplo, foi formada como resposta à administração Eisenhower e uma falha em lidar com o que eles acreditavam ser as políticas 'socialistas' do *New Deal* e o crescimento do comunismo internacional (LIPSET, 1964, p. 316).

Para Daniel Bell (1964), a influência do macarthismo nesses movimentos era clara. Porém, o autor identifica uma diferença que é o motivo central da sua preocupação. Diferentemente do macarthismo, esses grupos não possuem o aval do governo dos EUA. As investigações do senador McCarthy eram realizadas por meio de instituições, principalmente por meio dos comitês de investigação do congresso²³. Grupos como a JBS, no entanto, surgiram como movimentos espontâneos da sociedade estadunidense.

Somado a isso, eles foram capazes de obter relevância e legitimidade no cenário político dos EUA em um curto espaço de tempo. Desse modo, o crescimento desses grupos ocorreu por meio da projeção de suas reivindicações em meios tradicionais. Em 1960, Richard Arens, ex-diretor de pesquisas da *House Un-American Activities Committee*, participou de um seminário intitulado *Education for American Security* (BELL, 1964, p. 4-6). Realizado no estado de Illinois e custeado pela Marinha dos Estados Unidos, o seminário

foi abordado por vários oficiais navais de alta patente. Mas também incluiu o Dr. Fred C. Schwarz, o organizador da Cruzada Anticomunismo Cristã e E. Merrill Root, autor de *Brainwashing in the High Schools and Collectivism on*

²³ A historiadora Ellen Schrecker (2002, p. 63), entretanto, afirma que o sucesso do macarthismo se deu pela sua capacidade em agir não apenas nos diferentes níveis governamentais, mas também no nível local. Existia um network de informantes anticomunistas embasando as acusações do FBI e do HUAC, que, por sua vez, eram capazes de realizar audiências “*at the request of an anti-union employer or an anti-Communist faction within the local and were particularly effective when they occurred during a strike or union election campaign*” (ibidem, p. 72).

the Campus, e um endossante da John Birch Society²⁴ (BELL, 1964, p. 5, tradução nossa)

Portanto, muitos dos seminários da época, encarregados por palestrantes religiosos, porta-vozes militares, militares veteranos, empresários e outros líderes locais, acabaram projetando indivíduos pertencentes a grupos de extrema direita e legitimando suas pautas. Em 1961, a JBS tinha mais de cem mil membros no total, e muitos deles com ampla participação no Partido Republicano, principalmente nos estados da Califórnia, Texas e Arizona (BLUMENTHAL, 2009, p. 21). Nesse mesmo ano, figuras importantes do conservadorismo da época, como William Buckley, fundador e editor da revista *National Review*, criticaram o crescimento da influência da JBS, e manifestaram preocupação com os seus ataques ao ex-presidente Eisenhower, o secretário de Estado John Foster Dulles e o diretor da CIA Allen Dulles (SAVAGE, 2017).

Ainda assim, no contexto da eleição presidencial de 1964, houve um grande empenho dos membros da JBS para eleger Goldwater. Isso se deu pela presença de similaridades na agenda política do candidato republicano. Assim como Goldwater, o grupo também fazia oposição aos movimentos dos direitos civis e as decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos (WESTIN, 1964, p. 205). A vitória de Goldwater nas eleições primárias do Partido Republicano contra Rockefeller se deu em parte devido ao apoio da JBS a sua candidatura. O movimento teve participação na conquista de delegados nas convenções estaduais de estados da Califórnia, Oklahoma, Nebraska, Indiana, Illinois, Kansas, Idaho, Iowa, Dakota do Norte e do Sul, Washington, Texas, Nova Jersey, Kentucky e Missouri (DONALDSON, 2003, p. 136). Eles também foram responsáveis por orquestrar a eleição de membros favoráveis à candidatura de Barry Goldwater na *Young Republican National Federation*, uma organizações de jovens eleitores do Partido Republicano (DONALDSON, 2003, p. 34). Goldwater, por sua parte, nunca apoiou abertamente a JBS. Ele também nunca declarou não concordar com a organização.

²⁴ No original: “was addressed by a number of high-ranking naval officers. But it also included Dr. Fred C. Schwarz, the organizer of the Christian Anti-Communism Crusade and E. Merrill Root, author of *Brainwashing in the High Schools and Collectivism on the Campus*, and an endorser of the John Birch Society”.

Em uma conferência de imprensa ele criticou o líder da JBS, Robert Welch, porém elogiou os integrantes do grupo por exercer seus direitos constitucionais e afirmou que eles não eram extremistas (DONALDSON, 2003, p. 147-148).

Goldwater também foi o candidato presidencial apoiado em 1964 por William Buckley e outros conservadores críticos da JBS. Buckley também participou na campanha de Goldwater nas primárias republicanas contra Rockefeller e na eleição presidencial contra Johnson, anunciando seu suporte na sua revista *National Review*. Uma possível explicação para essa convergência de interesses é o contexto político da época. Cada vez mais o realinhamento do eleitorado conservador com o Partido Republicano se consolidava, e a questão dos direitos civis estava no centro desse realinhamento. A oposição às políticas de integração da população negra era um fator comum entre Welch, Goldwater e Buckley. Buckley era um crítico dos movimentos civis e do que ele acreditava ser uma tentativa de 'integração forçada' que colocava em risco os valores tradicionais da população do sul (BUCCOLA, 2019, p. 3).

A derrota de Goldwater e as críticas de Buckley não diminuíram a influência da JBS dentro do Partido Republicano no final dos anos 1960. Integrantes do movimento continuaram a ser eleitos dentro do partido, principalmente com participação nos níveis locais, e alguns chegaram a conquistar condados estaduais, como Thomas Anderson, e outros foram capazes de se eleger para o Senado, como Maxell Rafferty, em 1968 (KABASERVICE, 2012, p. 247;286).

2.3 A ELEIÇÃO DE RICHARD NIXON E A CONSOLIDAÇÃO DO *SOUTHERN STRATEGY*

Ainda que Goldwater tenha importância para a formulação da identidade do Partido Republicano, a sua derrota na eleição de 1964 fez com que o mérito da *southern strategy* seja atribuído majoritariamente a Richard Nixon. De fato, na campanha eleitoral presidencial de 1968 e 1972, Nixon implementou mudanças importantes na estratégia de conquista do eleitorado branco, principalmente na sua moderação do discurso segregacionista de Goldwater. Tendo em vista que o

eleitorado da região sul estava em rota de realinhamento com os republicanos e que o Partido Democrata cada vez mais tinha os direitos civis como plataforma política, ele optou por buscar conquistar o eleitor branco moderado (CARTER, 1994, p. 27). Além disso, com as Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei dos Direitos de Voto de 1965 sendo sancionadas, os líderes políticos conservadores não tinham mais motivo para defender a segregação racial. Podendo assim, portanto, “fazer um caso contra o movimento [pelos direitos civis] sem ser forçado a apoiar a segregação de Jim Crow” (KABASERVICE, 2011, p. 186, tradução nossa).

A estratégia de Nixon foi moldada em tom mais sutil e adotou um discurso de defesa da segurança pública, da ordem e da lei. O historiador Dan T. Carter (1994) afirma que

a distinção entre manifestantes contra a guerra e manifestantes dos direitos civis, entre manifestantes hostis e assaltantes de rua, parecia quase inexistente. [...] Na mente de Nixon, por mais que ele negasse, raça e desordem sempre estiveram ligadas. [...] O truque consiste em simpatizar e apelar para os medos de brancos raivosos sem parecer que se tornam extremistas e afastar os moderados, [...] apresentar uma posição sobre o crime, a educação ou a habitação pública em tal maneira como um eleitor poderia "evitar admitir para si mesmo que foi atraído por um apelo racista"²⁵ (CARTER, 1994, p. 29-30, tradução nossa).

A estratégia de Nixon e de seus assessores na campanha de 1968 teria obtido mais resultados na região sul se não fosse pela candidatura de George Wallace, um ex-*dixiocrat* que se candidatou como independente. No seu primeiro mandato, Nixon continuou com o seu discurso moderado, afirmando ser contra a segregação e ao racismo, mas ao mesmo tempo conta o que ele acreditava ser políticas de integração forçada e foi contrário a políticas públicas que favorecessem a população negra (CARTER, 1994, p. 36). Foi com base nessa retórica que Nixon defendeu a ideia de uma maioria silenciosa, a *silent majority*, representada pelos

²⁵ No original: “the distinction between antiwar and civil rights demonstrators, between heckling protesters and street muggers, seemed almost nonexistent. [...] In Nixon's mind, however often he denied it, race and disorder were always linked. [...] The trick lay in sympathizing with and appealing to the fears of angry whites without appearing to become an extremist and driving away moderates, [...] to present a position on crime, education, or public housing in such a way that a voter could 'avoid admitting to himself that he was attracted by a racist appeal.'”.

americanos brancos da classe trabalhadora. Na eleição presidencial de 1972, e com Wallace obrigado a encerrar sua campanha depois de uma tentativa de assassinato, Richard Nixon se reelegeu com o eleitorado do *ex-dixiocrat*, conquistando pela primeira vez todos os estados da região sul para o Partido Republicano e consolidando o *southern strategy* (CARTER, 1994, p. 53).

2.3.1 O *southern strategy* nas campanhas eleitorais do final do século XX

De forma geral, a coalizão entre moderados e liberais republicanos continuou sendo capaz de continuar influenciando as decisões do Partido Republicano ao longo de todo o final da década de 1960 (KABASERVICE, 2012, p. 234). Essa ala era contrária ao *southern strategy* e as pautas moralistas dos conservadores, mas tinha objetivos comuns com eles no campo econômico (p. 427). Nos anos de 1970, muitos dos moderados foram sendo alienados pela ala conservadora do partido. Ao longo da década de 1980 e 1990, essa ala conservadora finalmente conseguiu neutralizar politicamente a coalizão moderada (KABASERVICE, 2012, p. 431).

Após o escândalo de Watergate, o Partido Republicano voltou a ganhar uma eleição presidencial apenas em 1980, com a vitória de Ronald Reagan. A administração Reagan reduziu significamente o orçamento da Divisão de Direitos Civis do Departamento de Justiça e fez oposição à integração escolar (CARTER, 1994, p. 56). Reagan também buscou agradar o eleitorado religioso, cada vez mais influente no Partido Republicano. Em 1981, isso resultou na adesão de isenção fiscal a escolas privadas que continuavam a praticar discriminação racial, antes proibidas de serem condicionadas a benefícios fiscais pelo Departamento de Justiça (CARTER, 1994, p. 57). Na eleição de 1988, a campanha de George Bush também fez uso de estratégias eleitorais que relacionavam negros com o aumento da violência pública e desordem social, como evidenciado na sua propaganda política que utilizou a imagem de William Horton.

Carter argumenta que esse sucesso dos republicanos em duas eleições presidenciais seguidas ocorreu devido ao fato de que

[...] o Partido Republicano foi capaz de enfatizar essa caracterização ao representar habilmente o crescente conservadorismo dos americanos em uma série de importantes questões "sociais" não diretamente relacionadas a questões de raça: oração escolar, direitos dos réus criminais, obscenidade e aborto. No entanto, a raça parecia ser a cola que mantinha tudo unido. [...] A questão da raça continuou a ser a cunha motriz da política conservadora americana²⁶ (CARTER, 1994, p. 80-81, tradução nossa).

Os resultados disso foram sentidos principalmente durante a década de 1970 e 1980, período que houve um aumento na presença de uma plataforma política socialmente conservadora no Partido Republicano, representada por grupos religiosos, televangelistas e outras figuras influentes do setor religioso²⁷. Desse modo, desde os anos de 1960, os líderes políticos conservadores foram moldando e, ao mesmo tempo, moderando o seu discurso. Antes explicitamente com um tom racista, como nas candidaturas de George Wallace e Barry Goldwater, eles ainda buscavam agradar o eleitorado branco, porém, agora, eles utilizam de uma linguagem que Carter afirma ser

não explicitamente racial, mas era inconfundível em sua intenção simbólica [...]. [Eles] poderiam colher os benefícios de algumas das atitudes mais repreensíveis de nossa cultura e proclamar inocentemente o mais puro dos motivos. O racismo, embora continue como um subtexto na política americana, não usa mais as vestimentas retóricas das gerações anteriores. As imagens poderosamente evocativas de uma ameaçadora classe negra negra refletem medos profundamente alojados em nossa memória histórica nacional²⁸ (CARTER, 1994, p. 122).

²⁶ No original: "[...] the Republican Party had been able to hammer home this characterization by skillfully representing the growing conservatism of Americans on a number of important "social" issues not directly connected to questions of race: school prayer, criminal defendants' rights, obscenity, and abortion. Yet race seemed to be the glue that held it all together. [...] The issue of race remained the driving wedge of American conservative politics".

²⁷ Outros fatores também contribuíram para o sucesso do conservadorismo e do Partido Republicano. A crítica às políticas públicas de bem estar social e a defesa de uma revisão do sistema de assistência social era algo defendido por uma maioria considerável do eleitorado de classe média. A assistência pública a estrangeiros, especialmente os latino-americanos, também era um constante alvo de questionamentos. De maneira geral, principalmente entre os anos de 1980 e 1990, houve uma convergência desse eleitorado americano com o argumento dos republicanos que criticavam as políticas de bem estar social, pois eles afirmavam que elas eram ineficazes e de alto custo para a classe média (CARTER, 1994, p. 111-112).

²⁸ No original: "not explicitly racial but was unmistakable in its symbolic intent [...]. [They] could reap the benefits of some of the most reprehensible attitudes in our culture and innocently proclaim the purest of motives. Racism, though it continues as a subtext in American politics, no longer wears the rhetorical garments of earlier generations. The powerfully evocative images of a threatening black underclass reflect fears deeply lodged in our national historical memory".

A mudança nessa retórica foi essencial para conquistar o eleitorado branco moderado da época, tanto do sul quanto do norte, que ao mesmo tempo não se considerava racista, mas repudiava os defensores dos direitos civis, as demonstrações de desobediência civil e a defesa da integração social dos negros (KABASERVICE, 2011, p. 86).

2.3.1.1 O fim da defesa do *old-fashioned racism* (OFR) no cenário político dos EUA

De uma maneira geral, o período posterior ao movimento dos direitos civis, isto é, depois da assinatura do *Civil Rights Act* de 1968, foi marcado por uma diminuição do racismo explícito e segregacionista, o *old-fashioned racism* (OFR), nas campanhas eleitorais. Ao mesmo tempo, as campanhas de candidatos republicanos passaram a utilizar apelos implícitos (TESLER, 2013). Nicholas Valentino e David Sears (2005) afirmam que esse foi um dos motivos para o sucesso do realinhamento de parte do eleitorado branco, principalmente aqueles da região sul, que substituiu o OFR por uma forma alternativa de discriminação da população negra, chamado de racismo simbólico, racismo moderno, ou ressentimento racial (SEARS; VALENTINO, 2005, p. 674). Ainda que esses três conceitos apresentem algumas diferenças, todos eles têm como base a constatação da animosidade de parte significativa da população branca dos EUA está na suposição que a população negra viola valores tradicionais estadunidenses. De acordo com Sears e Henry (2005), isso ocorre devido a um “sistema abstrato de valores e ideais morais aprendidos desde o início (em vez de experiências pessoais concretas [...]) e que essas crenças se referiam aos negros como uma coletividade abstrata, em vez de indivíduos negros específicos” (SEARS; HENRY, 2005, p. 254, tradução nossa).

Essa discussão ganha ainda mais relevância quando constatado a influência que ressentimentos raciais tiveram em nortear muitas das posições conservadoras. Desse modo, temas como bem-estar social, segurança pública, impostos e gastos, aparentemente sem nenhuma correlação com etnia, foram em alguns aspectos

racializados e utilizados no processo de realinhamento partidário (SEARS; VALENTINO, 2005, p. 685).

2.3 ENCAMINHAMENTOS INVESTIGATIVOS DO ESTUDO

Levando em consideração os pontos abordados anteriormente, é possível afirmar que as mudanças ocorridas no Partido Republicano não começaram apenas na década de 1970. O estudo de Abramowitz identifica o apogeu de um fenômeno que teve início devido a uma série de discordâncias do eleitorado conservador com a plataforma política do Partido Democrata. Somado a isso, houve um investimento da ala conservadora do Partido Republicano em estratégias para conquistar a liderança do partido, inicialmente com candidatos como Goldwater e o seu discurso segregacionista a favor dos direitos dos estados. Eventualmente, Nixon consolidou essa estratégia e o *southern strategy* foi o principal responsável por atrair eleitores brancos para o Partido Republicano. Portanto, se de um lado o pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma crescente presença de movimentos a favor dos direitos civis e protestos contra a segregação racial, por outro, ele também teve uma resposta por parte do eleitorado conservador. Essa resposta teve influência de figuras anticomunistas como Joseph McCarthy e a ajuda considerável de mobilizações da extrema direita, como a *John Birch Society* (JBS). Enquanto o segundo capítulo buscou e relacioná-lo tanto com as mudanças que ocorreram dentro do Partido Republicano quanto com os movimentos de direita das últimas duas décadas, o terceiro capítulo busca identificar as mobilizações de caráter populista do século XXI, em específico, o movimento *Tea Party*. Por fim, será analisado a campanha presidencial de 2016 de Donald Trump e identificar a atuação nas mídias sociais do seu eleitorado, e o movimento de supremacistas brancos que apoiaram Trump, o *Alt-Right*.

III MOVIMENTOS POPULISTAS DO SÉCULO XXI: DO TEA PARTY AO TRUMPISMO

Uma das principais mobilizações para compreender o sucesso da candidatura presidencial de Trump é o movimento *Tea Party*, que foi a principal mobilização política com caráter populista nos EUA do início do século XXI (ELLIOT, 2017). O seu nome faz referência ao protesto histórico conhecido como Festa do Chá de Boston de 1773, realizado pelos colonos americanos contra os impostos da coroa britânica. O movimento é lembrado pelos membros do *Tea Party* como um dos principais protestos contra abusos do governo federal. De uma maneira geral, os protestos do movimento tiveram início no ano de 2009 e contaram com o apoio financeiro de movimentos conservadores da época, como o *Americans for Prosperity*, *FreedomWorks* e o *dontGO* (GOOD, 2009). Os representantes do movimento afirmam que os seus princípios são a defesa da responsabilidade fiscal e diminuição da burocracia governamental. Os planos de reforma do setor da saúde e da economia, idealizados respectivamente no *America's Affordable Health Choices Act* de 2009 e no *American Recovery and Reinvestment Act* de 2009, ambos propostos no primeiro mandato de Barack Obama, são criticados pelo *Tea Party* (ADL, 2009). Essas críticas tinham como base a oposição do aumento do gasto público com políticas públicas de segurança social.

Entretanto, a maior parte dos integrantes do movimento defendem pautas de extrema direita e teorias conspiratórias, como a teoria que questiona a nacionalidade de Barack Obama²⁹. O movimento foi um dos principais atores políticos a divulgar teorias conspiratórias sobre a cidadania do ex-presidente (PARKER; BARRETO, 2013). O *Tea Party* também foi utilizado para propagar a defesa de uma agenda política que nega o aquecimento global, e os líderes do *Americans for Prosperity* e *FreedomWorks* são considerados financiadores importantes de pautas como o negacionismo climático (DUNLAP; MCCRIGHT, 2011).

²⁹ *Birthers* é o nome dado àqueles que acreditam na teoria conspiratória sobre Barack Obama não ter nacionalidade estadunidense e ser secretamente um mulçumano. Essa teoria ganhou notoriedade na primeira candidatura de Obama à presidência dos EUA, em 2008 (ADL, 2009).

Em fevereiro de 2009, os primeiros protestos ocorreram em algumas cidades dos EUA, atraindo um baixo número de pessoas. Nos meses seguintes, entretanto, centenas de protestos ocorreram ao redor de todo o país, e cada um deles com uma maior participação da população. O ano de 2010 continuou com a realização de protestos. Além disso, foi possível identificar resultados eleitorais reais para o Partido Republicano: candidatos favoráveis ao *Tea Party* conquistaram um total de 39 cadeiras na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos e 5 apoiadores do movimento foram eleitos para o senado (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, p. 2011, 37-38).

Portanto, o movimento resultou na vitória de algumas candidaturas dentro do Partido Republicano nas eleições de 2010. Grande parte desse sucesso do movimento ocorreu devido a mobilização das organizações midiáticas, como emissoras de rádio e televisão, para realizar a cobertura dos protestos. O sociólogo Lauren Langman (2011) caracterizou a cobertura midiática dos protestos do *Tea Party* como uma espécie de *infotainment*: a mistura de notícia com entretenimento, um espetáculo onde podia ser visto “[...] trajes da era da Guerra Revolucionária, slogans bizarros, exigências de ‘manter o governo fora do Medicare’ e cartazes com erros ortográficos condenando o socialismo ou retratando Obama como um muçulmano queniano” (LANGMAN, 2011, p. 470, tradução nossa).

3.1 TEORIAS CONSPIRATÓRIAS E RESSENTIMENTO RACIAL: O LEGADO DA *JOHN BIRCH SOCIETY* NO MOVIMENTO *TEA PARTY*

A influência da *John Birch Society* (JBS) no movimento conservador e no Partido Republicano não se restringiu apenas ao século XX. O *Tea Party* do século XXI se inspirou em muitos dos integrantes importantes da JBS e de seus defensores. Um dos principais escritores conspiracionistas da JBS da década de 1970, Frederick Gary Allen, continua servindo de inspiração para ativistas de extrema direita (GOLDWAG, 2012). Quando o *Tea Party* estava no seu auge, uma das várias coalizões criadas foi a *Friends for Liberty*, que incluía representantes do Projeto 9/12, a *John Birch Society* e os *Oath Keepers* (BARSTOW, 2010). No ano de

2010, a organização American Conservative Union (ACU) anunciou que a JBS seria incluída como patrocinadora oficial do *Conservative Political Action Conference* (GOLDWAG, 2012). A constante acusação de comunismo contra opositores do movimento, como os ataques contra Obama, é considerada por analistas como um legado do ativismo político e das estratégias da JBS (WILENTZ, 2010). Outro escritor de teorias conspiratórias envolvido com a JBS, Willard Skousen, foi citado por Glenn Beck, uma figura importante do movimento *Tea Party*, em várias de suas entrevistas televisivas (KABASERVICE, 2012, p. 463). Em 1970, Skousen escreveu um livro afirmando que banqueiros e milionários ocidentais, como as famílias Rockefeller e Rothschild, financiaram a Revolução Russa de 1917. Em 2010, no seu programa exibido na *Fox News*, Beck atualizou a lista de investidores comunistas com o nome de George Soros (EICHLER, 2010).

3.1.2 Possíveis análises acerca do *Tea Party*

Estudiosos do movimento afirmam que um dos motivos dele ter ganhado tanto impulso na época foi devido a reação negativa de parte da sociedade dos Estados Unidos com a presidência de Barack Obama e com as suas políticas sociais. As ansiedades econômicas são apenas um dos aspectos do *Tea Party*, que foi, antes de tudo, um movimento de resistência reacionário, uma tentativa de preservar a identidade e os valores tradicionais encontrados principalmente nas regiões do subúrbio e de cidades menores (LANGMAN, 2011, p. 473-474). Desse modo, “A ascensão [de Obama], e tudo que é interpretado como associado a ele, ameaça substituir o segmento da América que o *Tea Party* passou a representar: principalmente brancos, de classe média e homens de meia-idade” (PARKER; BARRETO, 2013, p. 9-10, tradução nossa).

Os pesquisadores Vanessa Williamson, Theda Skocpol e John Coggin identificaram o ressentimento racial como um dos motivos para o movimento. Entretanto, eles afirmam que a maioria dos membros do *Tea Party* negam qualquer acusação de racismo. A animosidade com grupos minoritários ocorre de uma forma implícita e quase inconsciente na sua retórica. Sendo assim,

[oposição está concentrada no ressentimento de "doações" do governo federal para grupos "indignos", cuja definição parece fortemente influenciada por estereótipos raciais e étnicos. De forma mais ampla, as preocupações do Tea Party existem no contexto de ansiedades sobre mudanças raciais, étnicas e geracionais na sociedade americana³⁰ (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, 2011, p.26, tradução nossa).

Esse medo de gastos desnecessários inclui também os imigrantes, que são considerados um fator importante para o *Tea Party*, com 80% dos integrantes do movimento listando a imigração ilegal como um dos principais problemas enfrentados pelos EUA (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, 2011, p. 34). Outro problema citado pelos manifestantes é a segurança na fronteira com o México. Eles expressam preocupação com o crescimento da presença de imigrantes no país, principalmente com os imigrantes de origem latina, pois acreditam que a maioria deles não tem documentação e não passaram pelo processo legal do controle migratório. Somado a isso, os ativistas do *Tea Party* também afirmam que além de imigrantes, os desempregados e criminosos também irão se aproveitar dos novos programas sociais da administração Obama, às custas dos impostos pagos pelos americanos (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, 2011, p. 33).

A defesa da anti-imigração e da segurança na fronteira se transformou em uma das principais bandeiras do *Tea Party*, que realizou diversas campanhas na defesa de legislações que controlassem o fluxo migratório em estados específicos, juntamente com outras organizações que defendiam o movimento e suas pautas. A aprovação do projeto *Support Our Law Enforcement and Safe Neighborhoods Act* (SB 1070) no estado do Arizona em abril de 2010, representou a assinatura de uma das leis mais restritivas e inflexíveis de controle migratório. A SB1070 atribui autonomia à policiais estaduais de deter suspeitos de imigração ilegal e criminaliza o não porte do documentos de imigração. Na prática, a lei incentiva o perfilamento étnico e racial (ARCHIBOLD, 2010). A SB1070 foi motivo de uma mobilização intensa por parte do *Tea Party*, especialmente pelo fato do Arizona ser um estado

³⁰ No original: "[o]pposition is concentrated on resentment of perceived federal government 'handouts' to 'undeserving' groups, the definition of which seems heavily influenced by racial and ethnic stereotypes. More broadly, Tea Party concerns exist within the context of anxieties about racial, ethnic, and generational changes in American society".

que faz fronteira com o México. Os ativistas justificavam a defesa do projeto com preocupações com questões de segurança pública e o aumento do crime, e atribuíram essa insegurança com o aumento de imigrantes ‘ilegais’. Sites como o *Securetheborder.com* foram criados para organizar esforços nacionais, e governadores como Sarah Palin e Jan Brewer participaram ativamente de campanhas a favor do projeto (ESPARZA; BLAU, 2012).

O sucesso do movimento se deu pelo fato de que essa objeção não se encontrava apenas entre os seus integrantes, mas também naqueles americanos frustrados que simpatizavam com o *Tea Party* e não participavam de fato. Desse modo,

o Tea Party mostrou que os políticos e movimentos políticos ainda podem fazer apelos racistas diretos aos sulistas brancos, e um número substancial deles, no maior bloco geográfico de votação do Partido Republicano, ainda aplaudirá. E esse aplauso ressoa nacionalmente, caindo em alguns ouvidos simpáticos³¹ (MAXWELL, 2016, tradução nossa).

Essa postura contrária a programas sociais contra minorias étnicas têm uma referência direta com o histórico do conservadorismo americano da década de 1960, especialmente na figura de Barry Goldwater, que se opunha programas sociais com a justificativa da não intervenção do governo federal nos estados e contra uma integração forçada com minorias étnicas. O slogan “AuH2O” da campanha presidencial de Goldwater chegou até ser reutilizado por alguns integrantes do *Tea Party* nos encontros do movimento (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, 2011, p. 35).

3.2 A INFLUÊNCIA DO *TEA PARTY* NO PROCESSO DE ASCENSÃO DE DONALD TRUMP

³¹ No original: “*the Tea Party showed that politicians and political movements can still make direct racist appeals to white Southerners, and a substantial number of them, in the Republican Party’s largest geographic voting bloc, will still applaud. And that applause resonates nationally, falling on quite a few sympathetic ears*”.

O *Tea Party* foi um dos primeiros movimentos que influenciaram a candidatura presidencial de Donald Trump. Em 2010, Trump questionou a certidão de nascimento de Barack Obama (EMPOLI, 2019, p. 55), em uma clara alusão a teoria conspiratória apoiada pelos integrantes do *Tea Party*. Em 2011, Trump fez uma aparição na cúpula *Conservative Political Action Conference* e anunciou que considerava se candidatar à presidência. Meses depois, Trump repetiu a teoria conspiratória em programas de televisão da ABC e Fox News, e ganhou notoriedade quando afirmou que Obama só divulgou a certidão e o vídeo de seu nascimento devido a ele (ABRAMSON, 2016). Existe também uma semelhança no perfil demográfico do eleitorado de Trump e dos integrantes do *Tea Party*: o movimento é predominantemente branco (80% a 90%) e do gênero masculino (55 a 60%) (WILLIAMSON; SKOCPOL; COGGIN, 2011, p. 27). Do ponto de vista religioso, similaridades também são encontradas: 81% dos integrantes do *Tea Party* se identificam como cristãos (POSNER, 2010).

Os autores Bryan Gervais e Irwin Morris (2018) afirmam que os protestos dos membros do *Tea Party* e os resultados que eles obtiveram na eleição de republicanos apoiadores do movimento foi o que pavimentou a candidatura de Donald Trump no ano de 2016 (GERVAIS; MORRIS, 2018). Isso é devido ao fato de muitas das reivindicações do *Tea Party* serem detectadas nas principais promessas da campanha de Trump. Ao longo de todo o período eleitoral, Trump afirmou que imigração ilegal e segurança de fronteira seriam prioridades sua presidência, prometendo construir um muro na divisa com o México e proibir a entrada de muçulmanos no país, especialmente aqueles com origem em “nações ligadas ao terror islâmico” (QIU, 2016). Richard Elliot afirma que o discurso inflamatório e agressivo presente no *Tea Party* foi responsável por normalizar essa forma de linguagem entre o eleitorado do Partido Republicano. Além disso, muitas das estratégias utilizadas pelo *Tea Party* em 2010 foram utilizadas por Trump em 2016 (ELLIOT, 2017).

Em 2016, Jenny Martin, a presidente do *Tea Party Patriots*, uma organização política fundada a partir dos protestos do *Tea Party*, declarou que, com a vitória de Donald Trump, “os valores e princípios que deram origem ao movimento

tea party em 2009 estão finalmente conquistando o assento do poder na Casa Branca” (MARTIN, 2016, tradução nossa).

3.2.1 A corrida eleitoral de 2016 e a candidatura de Donald Trump

A princípio, o anúncio da candidatura de Donald Trump não teve muito impacto. A maioria do establishment republicano e seus estrategistas não acreditavam que o pré-candidato seria capaz de mobilizar votos. Isso se deve ao fato do bilionário não possuir nenhuma experiência na carreira política ou em qualquer cargo público, sendo conhecido no país apenas pelos seus investimentos imobiliários e o programa de televisão *The Apprentice*. Ainda assim, o crescimento da sua popularidade entre a população americana foi constante, indo de menos de 5%, no início de sua campanha em 2015, para mais de 35% no começo das primárias republicanas em 2016 (COOK, 2017, p. 110).

Uma das características que chamou a atenção dos analistas políticos nos resultados da eleição de 2016 foi a disparidade na maneira como grupos sociais votaram. O tom divisivo da campanha de Trump pode ser evidenciado na maioria de comícios e debates que ele participou, repletos de comentários inflamatórios e informações de veracidade duvidosa sobre temas considerados polêmicos. O presente estudo investiga algumas análises que apresentam dados sobre como os diferentes grupos sociais dos EUA votaram em 2016, e, assim, evidencia que os discursos de Trump foram deliberadamente voltados a certas categorias de eleitores, inflamando aspectos particulares de suas demandas políticas.

3.3 – A DISTRIBUIÇÃO DOS VOTOS ENTRE HILLARY CLINTON E DONALD TRUMP SOB UM RECORTE ÉTNICO: as políticas de identidade enquanto master concept das relações internacionais

Em primeiro lugar, grupos étnicos considerados pelos analistas como minoritários votaram majoritariamente na candidata Hillary Clinton³². Entre os latino

³² Clinton também conquistou o voto de muitos eleitores que votaram pela primeira vez, LGBTs, judeus e não-religiosos (SABATO, 2017, p. 14).

americanos, as pesquisas apontam que a democrata ganhou 66% dos votos dessas comunidades, em contraste com os 28% que votaram em Trump (SABATO, 2017, p. 12). Similarmente, 65% dos asiáticos também votaram no partido democrata. As promessas anti-imigração e a constante retórica xenófoba contra os latinos na campanha do republicano são apontadas como possíveis fatores que influenciaram a maior participação desses grupos na eleição de 2016 (BARRETO; SCHALLER; SEGURA, 2017, p. 177). Entre a população negra, a diferença consegue ser ainda maior, com 89% votando na Hillary, contra apenas 8% que votaram em Trump (BYLER, 2017, p. 52).

Por outro lado, Trump obteve resultados muito positivos com o eleitor branco, e conseguiu uma maioria no Colégio Eleitoral com base nesse eleitorado, conquistando-o em estados considerados essenciais, os *swing states*. Trump ganhou o voto de homens brancos por 62% contra 31% de Hillary, e 52% das mulheres brancas também votaram no republicano (SABATO, 2017, p. 12). O seu sucesso é ainda maior em grupos específicos do eleitorado branco. Dentre os brancos praticantes de religiões cristãs, 80% escolheram Trump como candidato. Essa porcentagem superou os votos desse grupo em republicanos de eleições passadas, como o presidente George W. Bush e o candidato Mitt Romney (SABATO, 2017, p. 13).

O analista de dados David Byler (2017) aponta que o fator do nível de educação também foi tão importante quanto o ressentimento racial e condição econômica, ainda que os três fatores se relacionam. Trump teve uma alta obtenção de votos entre os eleitores brancos sem educação superior em estados eleitorais importantes, conquistando um total de 66% desse eleitorado, contra 29% de Clinton (BYLER, 2017, p. 39-40). Para esse grupo, um dos fatores que diferenciou Trump de outros candidatos é a forma que Trump se comunica, utilizando uma linguagem informal, simples e direta. Além disso, suas propostas tinham o objetivo único e exclusivo de conquistar os eleitores, não se preocupando em manter relações amistosas com partidários republicanos ou grupos de interesse que tradicionalmente apoiam o partido (COSTA, 2017, p. 138)

Levando em consideração esses números, ficam explícitos os diversos recortes que marcaram a campanha eleitoral de 2016: etnia, gênero, idade, religião, etc. Fukuyama (2018) acredita que a vitória de Trump, um candidato populista, representa uma das consequências da crise na ordem mundial liberal. Segundo o autor, a lógica de representação política dos países democráticos não é mais definida por questões econômicas, como a defesa de programas de bem-estar social ou do maior investimento no setor privado (marca tradicional da dicotomia entre os eleitores de centro-esquerda e centro-direita e, no caso dos EUA, entre democratas e republicanos, respectivamente). As sociedades contemporâneas estariam sendo mobilizadas pelos líderes políticos por meio do conceito de “políticas de identidade” (o autor enfatiza, inclusive, que as políticas de identidade teriam se tornado um master concept, ou “conceito mestre” das relações internacionais). Para partidos alinhados à esquerda, isso significou a defesa de minorias étnicas e imigrantes, e a adesão de pautas feministas e LGBT. Enquanto que para partidos alinhados à direita, representou a adoção de uma agenda política voltada à preservação de uma suposta identidade nacional “oficial”, ou tradicional, conservadora nos costumes, religiosa e marcada por uma espécie de “nacionalismo populista”. Desse modo, países como os EUA “estão se fragmentando em segmentos com base em identidades cada vez mais estreitas, [...] ameaçando a sociedade como um todo” (FUKUYAMA, 2018, p. 4, tradução nossa).

Portanto, para Fukuyama, uma das possíveis explicações para compreender os motivos da divisão significativa observada na distribuição de votos dos grupos sociais nos resultados da eleição estadunidense de 2016 seria a ascensão do que o autor chama de um “novo tribalismo” político. Um ponto particularmente problemático é o fato de que as políticas de identidade, embora tenham sido originalmente elaboradas por partidos de esquerda, tem, na prática, produzido dois fatos dignos de nota: i) enquanto cálculo político ligado à estratégia eleitoral para atrair votos, as políticas de identidade vêm produzindo um “êxodo” de parte de sua base eleitoral histórica, a dizer, os trabalhadores assalariados, homens e brancos; e ii) essas mesmas políticas identitárias, quando reinterpretadas pelos partidos de centro-direita

e direita, vêm sendo “bem-sucedidas” do ponto de vista da consolidação e ampliação de sua base eleitoral.

3.4. O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA VITÓRIA DE DONALD TRUMP

Desde 2009, Donald Trump utiliza a rede social Twitter para comentar sua opinião em diferentes assuntos, que variam de série de TVs até sobre a política externa dos EUA³³. No dia 15 de junho de 2015, Trump anunciou oficialmente sua candidatura presidencial ao cargo de presidente da república. Desde o início do ano ele já utilizava o Twitter como plataforma de campanha, falando abertamente da sua entrada na corrida eleitoral. Uma das estratégias eleitorais ao longo de toda a campanha presidencial de Donald Trump foi o uso consistente das redes sociais como principal forma de interação com o eleitorado norte americano. Desse modo, o republicano foi capaz de burlar a mídia tradicional, como jornais impressos e de televisão, e realizar uma das bem mais sucedidas campanhas de publicidade digital (ACHILLES; ALVES, 2016).

As redes sociais, como Facebook e Twitter, tiveram um papel fundamental na eleição presidencial dos EUA de 2016. O aspecto mais polêmico foi o uso de softwares com o objetivo de armazenar dados dos usuários para montar estratégias eleitorais (DEMARTINI, 2018). Uma das consequências negativas das campanhas políticas nas redes sociais é o fenômeno da afinidade seletiva, que ocorre quando a bolha de usuários que apoiam um candidato não interage com a outra, o que pode levar a um processo de polarização³⁴ (MARKOFF, 2016).

³³ O Twitter não foi o primeiro meio de comunicação que Trump obteve sucesso, o reality show *The Apprentice* foi a origem da sua popularidade entre a maioria da população dos EUA. A influência que esse programa de televisão teve no imaginário dos americanos é evidenciada no documentário *Dirty Money*, realizado pela Netflix. Mesmo sendo um programa de entretenimento meticulosamente montado, muitos eleitores de Trump justificaram seus votos argumentando o poder de negociação do candidato, evidenciado nas quatorze temporadas de *The Apprentice* que Trump participou. Os próprios produtores do programa participaram do documentário e expressaram surpresa em ver que o seu público não apenas gostou, mas também acreditou no personagem de Trump construído no programa (DIRTY, 2018).

³⁴ A relação entre o aumento da polarização política e o uso de tecnologias é identificada nos EUA desde o início do século XXI. Na Califórnia, por exemplo, entre os anos de 2001 e 2002, líderes de ambos os partidos utilizaram programas de computador para realizar gerrymandering, uma estratégia política que manipula as fronteiras dos distritos eleitorais para deliberadamente juntar eleitores com

A propaganda automatizada ou computacional é o conceito utilizado para se referir à propagação de desinformação realizada por bots políticos nas redes sociais. Esses bots são contas automatizadas por meio de softwares, capazes de compartilhar notícias, postar mensagens e levantar hashtags milhares de vezes por dia (COMPROP, 2016). Nos dias que antecederam a eleição presidencial de 2016, houve um aumento da atuação na campanha virtual de ambos os candidatos, com Trump liderando: para cada robô pró-Clinton, havia cinco pró-Trump (MARKOFF, 2016)

3.4.1 O Alt-Right e a mobilização nas redes sociais por supremacistas brancos

George Hawley (2016) argumenta que o *Alt-Right* é “atomizado, amorfo, predominantemente online, e sobretudo anônimo” (HAWLEY, 2016, p. 3). Desse modo, o “movimento” *Alt-Right* não possui qualquer tipo de liderança unificada, e o termo pode ser reivindicado por pessoas com objetivos e estratégias diferentes. O termo foi criado por Richard Spencer. Inspirado no paleoconservador³⁵ Paul Gottfried, Spencer utilizou o termo pela primeira vez em 2008 na revista *Taki’s Magazine*. Em 2010, ele criou o website *AlternativeRight.com*, com o objetivo de melhor propagar a defesa do nacionalismo branco³⁶. Além desse tema, o site também discutia tópicos como política externa, política interna, economia e gênero (HAWLEY, 2018, p. 54-57). O website não ganhou atenção o suficiente, sendo deletado em 2013. Foi em 2015 que uma maior mobilização da extrema direita nas

histórico eleitoral parecido. Como consequência, observou-se vitórias consecutivas de políticos de extrema direita e extrema esquerda pelo resto da década inteira (KABASERVICE, 2012, p. 460).

³⁵ O paleoconservadorismo é uma corrente de pensamento relativamente nova entre a direita estadunidense, surgindo no final do século XX, defendida por autores como Patrick J. Buchanan e David Spitz. De uma maneira geral, ele é uma resposta ao neoconservadorismo, que é considerado pelos paleoconservadores como modernista demais (WOLTERMANN, 1996). De uma maneira geral, os paleoconservadores defendem princípios do não-intervencionismo militar, protecionismo econômico e uma política de imigração restritiva (SAYLER, 2016).

³⁶ Ainda que Spencer seja o responsável pelo conceito *Alt-Right*, ele não era o único supremacista branco na esfera virtual. Muito antes dele, Don Black, um ex-líder da Ku Klux Klan, criou em 1996 o Stormfront, um fórum de discussão online com o objetivo inicial de apoiar a candidatura presidencial do supremacista branco David Duke. O Stormfront também teve participação na eleição de 2008 e 2016 (FUTRELL; SIMI, 2007).

mídias sociais trouxe de volta o termo *Alt-right*³⁷. Os novos integrantes são caracterizados na sua maioria por serem “vulgares e ofensivos, violando qualquer taboo contemporâneo relacionado à raça, etnia, religião e gênero” (HAWLEY, 2018, p. 68, tradução nossa). Eles não possuem um líder ou lideranças, e muitas de suas ações são justificadas apenas por serem consideradas engraçadas pelos membros.

Nathan Eckstrand (2018) afirma que escritores participantes do movimento identificam quatro princípios principais: i) nacionalismo, entendido como a promoção de valores, cultura, moral e religião de grupos historicamente definidos; ii) descentralização, isto é, a oposição do uso do aparato governamental para impor interesses específicos; iii) tradicionalismo, defendendo verdades consideradas por eles como invariáveis; iv) e a defesa de uma sociedade que vá de acordo com “leis naturais”. Na prática, o *Alt-Right* tem como essência a mobilização do nacionalismo identitário branco³⁸ – dotado de concepções frequentemente associadas à extrema direita –, e a preservação de uma suposta civilização com valores ocidental (ECKSTRAND, 2018, p. 43-44).

3.4.5 O *Alt-Right* e o eleitorado convencional

George Hawley parte do pressuposto de que um dos mais importantes feitos da candidatura de Donald Trump foi dar espaço para as pautas defendidas pelo *Alt-Right* na discussão política nacional. Trump foi caracterizado por líderes do movimento como um quebra-gelo ideológico (ideological icebreaker) diante do americano comum, ou seja, alguém que é capaz de conquistar possíveis eleitores que não possuem nenhuma afiliação direta com a extrema direita, mas que se

³⁷ Além da correspondência de agendas políticas, o principal motivo que os levou a apoiar a candidatura de Trump foi a capacidade do republicano de criar controvérsias e caos generalizado na discussão política do país (HAWLEY, 2018, p. 117).

³⁸ O Movimento Identitário ou identitarianismo é uma mobilização de extrema direita com origem no continente Europeu, adaptado para os Estados Unidos por meio de figuras como Richard Spencer. O instituto National Policy Institute, criado por Spencer, tem como objetivo a promoção do Identitarianismo Americano (SPLC, 2015). Spencer defende o essencialismo biológico para argumentar a favor do conceito de raça e a importância na exaltação da identidade anglo-saxã (SPENCER, 2016).

identificam com algumas de suas pautas³⁹. Desse modo, “muitos do *Alt-Right* estarão satisfeitos se simplesmente plantarem a ideia do nacionalismo branco na mente de pessoas que nunca escutaram nada sobre isso” (HAWLEY, 2018, p. 15, tradução nossa). Assim, com a naturalização das pautas defendidas por nacionalistas brancos do *Alt-Right*, haverá uma maior facilidade da implantação de políticas como a deportação de imigrantes sem documentos, o fim da imigração em massa e a aceitação de políticas de identidade branca nas discussões nacionais (HAWLEY, 2018).

3.4.6 A instrumentalização das redes sociais a favor da candidatura de Donald Trump

Com o aumento de uma cultura política que repudia o extremismo, supremacistas brancos cada vez mais encontram na comunidade virtual da internet uma alternativa ao ativismo público. Jessie Daniels (2018) afirma que desde o final da primeira década do século XXI, as plataformas de pesquisa, as mídias sociais e os algoritmos⁴⁰ foram responsáveis por uma mudança na maneira como grupos supremacistas brancos utilizam a internet. Essas transformações culminaram na ascensão do *Alt-Right*, que é entendido pela autora como uma continuação e atualização do discurso supremacista branco nos EUA, agora amplificado por meio de algoritmos. Desse modo, “[a] ideologia do alt-right contemporâneo é inteiramente consistente com as manifestações anteriores da supremacia branca extremista, com apenas pequenas modificações no estilo e na ênfase” (DANIELS, 2018, p. 62). Assim, os algoritmos desempenham um papel importante nos novos métodos dos supremacistas brancos e do racismo contemporâneo em geral. Daniels argumenta que

³⁹ Alguns estudiosos afirmam que o próprio termo alt-right foi uma forma de reformular a retórica do supremacismo branco com o objetivo de acatar a grupos tradicionais. Outros termos seriam “nacionalismo branco” e “preservação da herança branca” (FUTRELL; SIMI, 2017, p. 76)

⁴⁰ Algoritmos, de forma bem simplificada, são utilizados para realizar funções e processar dados em uma alta velocidade. No contexto dos aplicativos e mídias sociais, eles são responsáveis por selecionar informações e conteúdos para um usuário a partir de seus dados, atuando como mediadores (EPRS, 2019).

algoritmos fornecem resultados de pesquisa para aqueles que buscam a confirmação de noções racistas e conectam recém-chegados a racistas [...] com ideias semelhantes, e o Google forneceu sites racistas e uma comunidade de outros para confirmar e aumentar seu ódio. Algoritmos aceleram a propagação da ideologia da supremacia branca, como quando memes como “Pepe, o Sapo” viajam do 4chan ou Reddit para os principais sites de notícias. E algoritmos, auxiliados por redes de notícias a cabo, amplificam e sistematicamente movem os pontos de discussão da supremacia branca para a corrente principal do discurso político. Como sempre, os nacionalistas brancos estão sendo “oportunistas da inovação”, encontrando oportunidades nas tecnologias mais recentes para espalhar sua mensagem⁴¹ (DANIELS, 2018, p. 62, tradução nossa).

Desse modo, as mídias sociais e as tecnologias da informação viabilizam, por meio das comunidades e redes virtuais, uma facilitação da formação e expansão de grupos de extrema direita e supremacistas brancos. Além disso, a possibilidade de participar de todas essas organizações na condição de anonimato constitui um outro fator que incentiva membros ou simpatizantes de ideologias extremistas a congregarem de forma mais fácil e segura.

Por fim, tendo em vista que os algoritmos são programados “para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma” (EMPOLI, 2019, p. 8), também é possível afirmar que as ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais, criadas com o objetivo único de conquistar um constante engajamento, foram utilizadas por lideranças do *Alt-Right*, como Steve Bannon, para fazer um compartilhamento em massa de notícias com o objetivo de influenciar possíveis eleitores. Bannon foi um dos chefes executivos da campanha presidencial de Trump em 2016, e ex-presidente executivo da *Breitbart News Network*, uma agência de notícias e opiniões online de extrema direita (MARTIN; RUTENBERG; HABERMAN, 2016). Muito antes de Bannon entrar oficialmente na campanha, o *Breitbart News* já era considerado um dos principais apoiadores de Trump. A organização defende pautas como o nacionalismo branco, a anti-globalização, anti-imigração e anti-feminismo, além de compartilhar notícias e

⁴¹ No original: “[a]lgorithms deliver search results for those who seek confirmation for racist notions and connect newcomers to like-minded racists [...] and Google provided racist websites and a community of others to confirm and grow his hatred. Algorithms speed up the spread of White supremacist ideology, as when memes like “Pepe the Frog” travel from 4chan or Reddit to mainstream news sites. And algorithms, aided by cable news networks, amplify and systematically move White supremacist talking points into the mainstream of political discourse. Like always, White nationalists are being “innovation opportunists,” finding openings in the latest technologies to spread their message”.

manchetes com informações falsas e tendenciosas (MCGOUGH, 2016). A *Breitbart* teve ampla participação no Facebook e com um alto nível de engajamento com o público, agindo principalmente entre possíveis eleitores de estados considerados mais importantes para o colégio eleitoral, os swing states (WEIGEL, 2016).

Bannon também foi um dos fundadores da empresa de comunicação chamada *Cambridge Analytica*, que utilizou milhões de perfis no Facebook para fins eleitorais sem nenhum tipo de autorização ou consentimento dos usuários (CADWALLADR, 2020). A empresa trabalhou para a campanha de Trump e para um Comitê de Ação Política (PAC) alinhado à candidatura de Trump, fazendo um uso sistemático das mídias sociais para coletar dados de usuários para montar perfis psicológicos e melhor montar estratégias políticas específicas para defender a candidatura do republicano e propagar teorias conspiratórias contra seus oponentes, como o Pizzagate (LAPOWSKY, 2017).

Desse modo, levando em consideração as discussões abordadas nesse terceiro capítulo, constata-se que a eleição de 2016 do candidato Donald Trump contou com um apoio importante de um dos principais movimentos populistas do século XXI, o movimento *Tea Party*. Esses protestos foram influenciados por questões econômicas, por exemplo, a crise financeira dos anos de 2007–2008. Entretanto, fatores como a eleição do primeiro presidente negro também influenciaram os manifestantes, evidenciado na presença de cartazes com ofensas racistas em muitas das manifestações do *Tea Party* e nas teorias conspiratórias sobre a nacionalidade e a religiosidade de Barack Obama. Trump ajudou a propagar muitas dessas teorias, ganhando notoriedade política. O movimento também atuou politicamente para conseguir aprovar projetos de lei que restrinjam a imigração. Tendo esses pontos em mente, é possível compreender a candidatura vitoriosa de Trump e o sucesso do seu discurso anti-imigração entre parte do eleitorado.

Outra mobilização importante para a vitória de Trump foi o *Alt-Right*. De uma forma geral, o *Alt-Right* defende o nacionalismo branco e ideais supremacistas de raça. Eles utilizam a internet e as mídias sociais de uma maneira eficiente para se propagar. Ainda que não possua um líder, alguns de seus integrantes incluem figuras como Richard Spencer e Steve Bannon. Ambos tiveram importância para

Trump em 2016, e Bannon chegou a ser chefe da campanha do republicano. Desse modo, os avanços das tecnologias da informação e o aumento da presença da internet na sociedade possibilitaram que movimentos extremistas se organizassem de uma forma mais segura, instantânea e efetiva. Foi nesse contexto que o movimento *Alt-Right* cresceu: com o apoio do anonimato viabilizado pelas redes sociais e de seus algoritmos programados para proporcionar um constante engajamento entre usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento, o presente trabalho teve como objetivo inicial compreender o movimento que levou a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos no ano de 2016. A pesquisa foi metodologicamente realizada por meio de uma revisão bibliográfica voltada ao processo de conceitualização do populismo dos EUA. Com isso, foi possível analisar algumas das principais mobilizações que ocorreram ao longo de toda a história dos Estados Unidos – a Democracia Jacksoniana e o *People's Party*, por exemplo – e compreender tanto as suas particularidades quanto os aspectos que tornam possível estabelecer similaridades entre esses movimentos. O período do macarthismo ganha destaque devido ao fato ter surgido concomitantemente à elaboração do populismo enquanto “conceito acadêmico” no campo da sociologia e da ciência política, tendo o mesmo sido gradativamente aperfeiçoado pela comunidade acadêmica estadunidense.

Muitas mudanças que ocorreram no contexto político do pós Segunda Guerra Mundial, e especialmente no pós macarthismo dos anos de 1950, se mostraram tão importantes quanto a conceituação do populismo, a exemplo da crescente presença de grupos populistas de extrema direita, como a *John Birch Society* (JBS). A existência de grupos extremistas por si só não era nenhuma novidade, e sim a capacidade de influência dessas mobilizações nas discussões políticas tradicionais da época. Somado a isso, o realinhamento eleitoral que ocorreu nos dois principais partidos dos EUA, e em específico o Partido Republicano, também é um processo histórico essencial para compreender a situação política atual dos EUA. Os motivos que levaram à ocorrência dessas mudanças estão relacionados às transformações sócio-políticas e culturais contemporâneas e a emergência de movimentos sociais, em especial os movimentos a favor dos direitos civis, os protestos contra guerras e mobilizações feministas. No âmbito do eleitorado norte americano, uma das consequências da luta pelos direitos civis da população negra foi o uso de estratégias eleitorais que culminaram no sucesso da *southern strategy*. Ao mesmo tempo que líderes do Partido Democrata se alinharam contra as leis segregacionistas de Jim Crow, parte do Partido Republicano demonstrou

oposição aos movimentos a favor dos direitos civis. As transformações que ocorreram no Partido Republicano no final do século XX, isto é, a perda de influência da ala moderada e liberal, somado com as estratégias por parte dos republicanos conservadores, foi um dos fatores que possibilitou esse realinhamento eleitoral. Por fim, destaca-se também o papel fundamental que organizações como a JBS tiveram na condução desse realinhamento do eleitorado conservador, conforme evidenciado nas campanhas eleitorais presidenciais de 1964 e a candidatura de Barry Goldwater e a sua defesa do direito dos estados.

No início do século XXI a JBS foi capaz de voltar a exercer influência em alguns republicanos por meio do *Tea Party*. Além de ser criadora de muitas das teorias conspiratórias defendidas pelos membros do *Tea Party*, a JBS se tornou patrocinadora oficial do *Conservative Political Action Conference*, em 2010, evento realizado pela União Conservadora Americana. Entretanto, é importante destacar que os protestos realizados pelo *Tea Party* entre os anos de 2009 e 2010 vão muito além da JBS, e podem ser analisadas como uma tentativa de mobilização do eleitorado conservador contra as políticas sociais de Barack Obama e do Partido Democrata. Somado a isso, essas manifestações também são importantes para entender a eleição de Trump, pois uma grande parte da agenda política trumpista vai de acordo com os ideais e valores nacionalistas que eram defendidos pelos manifestantes do *Tea Party*. Além disso, há uma similaridade demográfica entre esses dois grupos, como observado na comparação do recorte étnico, religioso e de gênero.

O *Alt-Right* também surgiu no contexto desses protestos, e foi um termo criado por Richard Spencer para propagar o nacionalismo branco. O *Alt-Right* se transformou em um movimento pelo advento da tecnologia, das redes sociais, e de seus algoritmos, que possibilitaram uma maior facilidade de comunicação e a sua eventual participação na campanha eleitoral de Donald Trump. Websites de notícia online como o *Breitbart News* foram utilizados para legitimar o discurso nacionalista, isolacionista e xenofóbico de Trump. As mídias sociais foram utilizadas para propagar ideias para um eleitorado que não participa de grupos extremistas, mas simpatizam com algumas das causas do nacionalismo branco. Assim,

ressentimentos já presentes em uma parte considerável do eleitorado dos EUA foram amplificados por meio de compartilhamentos em massa de postagens. Portanto, ao mesmo tempo que o Alt-Right é uma mobilização que só pode ser executada no século XXI, os seus valores e propostas possuem um histórico que pode ser encontrado em vários momentos e mobilizações ao longo de toda a historiografia estadunidense, e, caso as circunstâncias sejam favoráveis, o discurso nacionalista é capaz de ganhar relevância no cenário político estadunidense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWITZ, Alan I. It Wasn't the Economy, Stupid - Racial Polarization, White Racial Resentment, and the Rise of Trump. *In*: SABATO, Larry; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey. **Trumped**: The 2016 Election that Broke All the Rules. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

ABRAMSON, Alana. How Donald Trump Perpetuated the 'Birther' Movement for Years: A look at the trajectory of Donald Trump's role in the birther movement. **ABC News**, 16 set. 2016. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-perpetuated-birther-movement-years/story?id=42138176>>. Acesso em 28 set. 2020.

ADL - Anti-Defamation League. Rage Grows in America: Anti-Government Conspiracies. **ADL**, 2009. Disponível em: <<https://www.adl.org/sites/default/files/documents/assets/pdf/combating-hate/Rage-Grows-In-America.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ADKINS, Judith. "These People Are Frightened to Death": Congressional Investigations and the Lavender Scare. **U.S. National Archives and Records**, 2016. Disponível em: <<https://www.archives.gov/publications/prologue/2016/summer/lavender.html>>. Acesso em 24 set. 2020.

ALLCOCK, J. B.. 'Populism': a brief biography. **Sociology**, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 371-387, set. 1971. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/003803857100500305>.

ALVES, Paulo; ACHILLES, Rubens. Facebook ajudou a eleger Donald Trump em 2016, diz executivo. **TechTudo**, 08 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/facebook-ajudou-a-eleger-donald-trump-em-2016-diz-executivo.ghtml>>. Acesso em 20 ago. 2020.

APPLE, R. W. Jr. G.O.P. Tries Hard to Win Black Votes, but Recent History Works Against It. **The New York Times**, 19 set. 1996. Disponível em: <<https://www.webcitation.org/64t5A14Sz?url=http://www.nytimes.com/1996/09/19/us/gop-tries-hard-to-win-black-votes-but-recent-history-works-against-it.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em 15 out. 2020.

ARCHIBOLD, Randal D. Arizona Enacts Stringent Law on Immigration. **The New York Times**, 23 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/04/24/us/politics/24immig.html>>. Acesso em 27 set. 2020.

BARBARO, Michael. Pithy, Mean and Powerful: How Donald Trump Mastered Twitter for 2016. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/10/06/us/politics/donald-trump-twitter-use-campaign-2016.html>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BARRETO, Matt; SCHALLER, Thomas; SEGURA, Gary. Latinos and the 2016 Election. *In*: SABATO, Larry; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey. **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

BARSTOW, David. Tea Party Lights Fuse for Rebellion on Right. **The New York Times**, 15 feb. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/02/16/us/politics/16teaparty.html>>. Acesso em: 23 out. 2020.

BAUER, Patricia. Farmers' Alliance: United States History. **Britannica**, 09 de mar. de 2016. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Farmers-Alliance>>. Acesso em: 02 de set. de 2020.

BELL, Daniel. The Dispossessed - 1955. *In*: _____ (org.). **The Radical Right: The New American Right**. New York: Doubleday & Company, 1963.

BLUMENTHAL, Max. **Republican Gomorrah: Inside the Movement that Shattered the Party**. Bold Type Books: 2009.

BONIKOWSKI, Bart. 2019. Trump's Populism: The Mobilization of Nationalist Cleavages and the Future of U.S. Democracy. *In*: WEYLAND, Kurt; MADRID, Raúl (ed.). **When Democracy Trump's Populism: Lessons from Europe & Latin America**. New York: Cambridge University Press.

BRADLEY, Harold Whitman. Andrew Jackson. **Britannica**, 1999. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Andrew-Jackson>>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

BRADSHAW, Samantha; HOWARD, Philip N. **The Global Disinformation Order: 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation**. Oxford, UK: Project on Computational Propaganda, 2019. Disponível em: <https://comprop.oii.ox.ac.uk/research/cybertroops2019/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BUCCOLA, Nicholas. **The Fire Upon Us: James Baldwin, William F. Buckley Jr., and the Debate Over Race in America**. Princeton And Oxford: Princeton University Press, 2019.

BUECHLER, Steven M. Mass Society Theory. **The Wiley-Blackwell Encyclopedia Of Social And Political Movements**, [S.L.], 14 jan. 2013. Blackwell Publishing Ltd. <http://dx.doi.org/10.1002/9780470674871.wbespm473>.

BYLER, David. Demographic Coalitions: How Trump Picked the Democratic Lock and Won the Presidency. *In*: SABATO, Larry; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey. **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

CADWALLADR, Carole. Fresh Cambridge Analytica leak 'shows global manipulation is out of control'. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2020/jan/04/cambridge-analytica-data-leak-global-election-manipulation>. Acesso em 21 ago. 2020.

CANOVAN, Margaret. **Populism**. Harcourt Brace Jovanovich, 1981.

CASDORPH, Paul D. Lily-White Movement. **Handbook of Texas Online**, s.d. Disponível em: <<https://www.tshaonline.org/handbook/entries/lily-white-movement>>. Acesso em 8 ago. 2020.

COMPROP - Computational Propaganda Research Project. **Resource for Understanding Political Bots**, 2016. Disponível em: <https://comprop.oii.ox.ac.uk/research/posts/resource-for-understanding-political-bots/>. Acesso em 28 ago. 2020.

COOK, Rhodes. Presidential Primaries: A Hit at the Ballot Box. *In*: SKELLEY, Geoffrey (ed.). **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

COSTA, Robert. Donald Trump and a GOP Primary Race Like No Other. *In*: SABATO, Larry; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey. **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

DANIELS, Jessie. The Algorithmic Rise of the "Alt-Right". *Contexts*, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 60-65, fev. 2018. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/1536504218766547>.

DEMARTINI, Felipe. Campanha de Trump usou dados de 50 milhões de usuários do Facebook. **CanalTech**, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/campanha-de-trump-usou-dados-de-50-milhoes-de-usuarios-do-facebook-110156/>. Acesso em 11 ago. 2020.

DIRTY Money. Produção de Adam del Deo, Yon Motskin, Lisa Nishimura, Stacey Offman, Jason Spingarn-Koff, Alex Gibney. United States: Netflix, 2018. (77 min.).

DONALDSON, Gary. **Liberalism's last hurrah**: the presidential campaign of 1964. Routledge, 2003.

DUNLAP, Riley E.; MCCRIGHT, Aaron M. Organized Climate Change Denial. **Oxford Handbooks Online**, [S.L.], p. 1-14, 18 ago. 2011. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199566600.003.0010>.

ECKSTRAND, N. 2018. The Ugliness of Trolls: comparing the strategies/ methods of the Alt-Right and the Ku Klux Klan. **Cosmopolitan Civil Societies: an Interdisciplinary Journal**. 10:3, 41-62. <https://doi.org/10.5130/ccs.v10.i3.6026>

EICHLER, Alex. Was Glenn Beck's George Soros Takedown Anti-Semitic? Jaws drop as the Fox News host lays out his argument. **The Atlantic**, 12 nov. 2012. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2010/11/was-glenn-beck-s-george-soros-takedown-anti-semitic/343439/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ELLIOTT, Richard D.. It's Just a Jump to the Right: the tea party's influence on conservative discourse. **European Journal Of American Studies**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 1-15, 31 jul. 2017. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/ejas.12212>.

EMPOLI, Giuliano da. **Os Engenheiros do Caos**: como as fake news, às teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

EPRS - European Parliamentary Research Service. Polarisation and the use of technology in political campaigns and communication. **EPRS**, 2019. Disponível em: [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/634414/EPRS_STU\(2019\)634414_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/634414/EPRS_STU(2019)634414_EN.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

ESPARZA, Louis E.; Judith, BLAU. **Wired Nation**: How The Tea Party Drove an Anti-Immigrant Campaign. Societies Without Borders, 2012.

FREDERICKSON, Kari. **The Dixiecrat Revolt and the End of the Solid South, 1932-1968**. Chapel Hill, London: University of North Carolina Press, 2001.

FUKUYAMA, Francis. Against Identity Politics: The New Tribalism and the Crisis of Democracy. **Foreign Affairs**, 2018. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/americas/2018-08-14/against-identity-politics-tribalism-francis-fukuyama>. Acesso em: 24 ago. 2020.

FUTRELL, Robert; SIMI, Pete. The [Un]Surprising Alt-Right. Contexts, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 76-76, maio 2017. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/1536504217714269>.

CARTER, Dan T. **From George Wallace to Newt Gingrich: Race in the Conservative Counterrevolution, 1963-1994**. Baton Rouge, London: Louisiana State University Press, 1996.

GERVAIS, Bryan T; MORRIS, Irwin L. How the tea party paved the way for Donald Trump. **The Washington Post**, 7 set. 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2018/09/07/how-the-tea-party-paved-the-way-for-donald-trump/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

GOLDWAG, Arthur. **The New Hate: A History of Fear and Loathing on the Populist Right**. New York: Pantheon Books, 2012.

GOOD, Chris. The Tea Party Movement: Who's In Charge? **The Atlantic**, 13 abr. 2009. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2009/04/the-tea-party-movement-whos-in-charge/13041/>. Acesso em: 24 out. 2020.

GREENBACK Movement: United States History. **Britannica**, s.d. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Greenback-movement>. Acesso em: 28 ago. 2020.
GUNN, Jack W. The Greenback Party. **Handbook of Texas**. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/greenback-party>. Acesso em: 14 set. 2020.

HATHAWAY, Jay. More Than Half of Trump's Retweets Are White Supremacists Praising Him. **New York Magazine**, 27 jan. 2016. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2016/01/donald-trump-mostly-retweets-white-supremacists.html>. Acesso em: 30 set. 2020.

HAWLEY, George. **Making Sense of the Alt-Right**. New York: Columbia University Press, 2017.

HENRY, P.J.; SEARS, David O.. The Symbolic Racism 2000 Scale. **Political Psychology**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 253-283, jun. 2002. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/0162-895x.00281>.

HILD, Matthew. Farmers' Alliance. **New Georgia Encyclopedia**, 04 de ago. de 2005. Disponível em: <https://www.georgiaencyclopedia.org/articles/history-archaeology/farmers-alliance>. Acesso em: 02 set. 2020.

HOFSTADTER, Richard. **The Age of Reform**: from Bryan to F.D.R. New York: Vintage Books, 1955.

_____. The Pseudo-Conservative Revolt - 1955. *In*: DANIEL, Bell (org.). **The Radical Right**: The New American Right. New York: Doubleday & Company, 1963.

_____. North America. *In*: GELLNER, Ernest; IONESCU, Ghiță (org.). **Populism**: Its Meaning and National Characteristics. London: Macmillan, 1969.

HOLT, Michael F. **The Rise and Fall of the American Whig Party**: Jacksonian Politics and the Onset of the Civil War. Oxford University Press, 2003.

JBS - John Birch Society. TIMELINE AND HISTORY. **JBS**, s.d. Disponível em: <<https://jbs.org/about/history/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

KABASERVICE, Geoffrey M. **Rule and Ruin**: The Downfall of Moderation and the Destruction of the Republican Party, From Eisenhower to the Tea Party (Studies in Postwar American Political Development). New York: Oxford University Press, 2012.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Objetiva, 2014.

KAZIN, Michael. **The Populist Persuasion**: An American History. Ithaca And London: Cornell University Press, 1998.

_____. **Trump and American Populism**: Old Whine, New Bottles. Foreign Affairs, 6 oct. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-10-06/trump-and-american-populism>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

KORNHAUSER, William. **The Politics of Mass Society**. Illinois: Free Press of Glencoe, 1959.

LANGMAN, Lauren. Cycles of Contention: the rise and fall of the tea party. **Critical Sociology**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 469-494, 9 dez. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0896920511430865>.

LAPOWSKY, Issie. What Did Cambridge Analytica Really Do for Trump's Campaign? **WIRED**, 26 set. 2017. Disponível em: <<https://www.wired.com/story/what-did-cambridge-analytica-really-do-for-trumps-campaign/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **How Democracies Die**. Crown, 2018.

LIPSET, Seymour Martin. **Political Man: The Social Bases of Politics**. New York: Doubleday & Company, 1960.

_____. The Sources of The “Radical Right” - 1955. *In*: DANIEL, Bell (org.). **The Radical Right: The New American Right**. New York: Doubleday & Company, 1964.

_____. Three Decades of The Radical Right: Coughlinites, McCarthyites, and Birchers - 1962. *In*: DANIEL, Bell (org.). **The Radical Right: The New American Right**. New York: Doubleday & Company, 1964.

LYNN, Joshua. **Preserving the White Man's Republic: Jacksonian Democracy, Race, and the Transformation of American Conservatism (A Nation Divided)**. University of Virginia Press, 2019.

MARKOFF, John. Automated Pro-Trump Bots Overwhelmed Pro-Clinton Messages, Researchers Say. **The New York Times**, 17 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/18/technology/automated-pro-trump-bots-overwhelmed-pro-clinton-messages-researchers-say.html>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARTIN, Jenny Beth. The Tea Party Movement Is Alive and Well—And We Saw Trump Coming. **Politico**, 19 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/magazine/story/2016/11/the-tea-party-movement-is-alive-and-well-and-we-saw-trump-coming-214469>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARTIN, Jonathan; RUTENBERG, Jim; HABERMAN, Maggie. Donald Trump Appoints Media Firebrand to Run Campaign. **The New York Times**, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/18/us/politics/donald-trump-stephen-bannon-paul-m Manafort.html?_r=0>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MAXWELL, Angie. How Southern racism found a home in the Tea Party. **VOX**, 7 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.vox.com/2016/7/7/12118872/southern-racism-tea-party-trump>>. Acesso em: 23 set. 2020.

MCGEOUGH, Paul. Make America hate again: how Donald Trump's victory has emboldened bigotry. **The Sydney Morning Herald**, 19 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.smh.com.au/world/north-america/hate-crimes-surge-in-donald-trumps-america-20161117-gsrjpx.html>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MULLOY, D. J. **The World of the John Birch Society: Conspiracy, Conservatism and the Cold War**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2014.

NYE, Joseph. **O Paradoxo do Poder Americano**. Oxford University Press, 2002.

PARKER, Christopher S; BARRETO, Matt A. **Change They Can't Believe In: The Tea Party and Reactionary Politics in America**. New Jersey: Princeton University Press, 2013.

PARSONS, Talcott. Social Strains in America - 1955. *In*: DANIEL, Bell (org.). **The Radical Right: The New American Right**. New York: Doubleday & Company, 1963.

POSNER, Sarah. The Tea's Party's religious roots exposed. **The Guardian**, 12 out. 2010. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2010/oct/12/tea-party-religious-right>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

QUI, Linda. Donald Trump's top 10 campaign promises. **PolitiFact**, jul. 15 2016. Disponível em: <<https://www.politifact.com/article/2016/jul/15/donald-trumps-top-10-campaign-promises/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SABATO, Larry J. The 2016 Election That Broke All, or At Least Most, of the Rules. *In*: SABATO, Larry J.; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey. **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

SALYER, Jerry. Paleoconservatives and Trump. **CWR**, 2016. Disponível em: <<https://www.catholicworldreport.com/2016/11/10/paleoconservatives-and-trump/>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SCHRECKER, Ellen. **The Age of McCarthyism: A Brief History with Documents**. 2. ed. Boston, New York: Bedford/st. Martin, 2002.

SITKOFF, Harvard. Harry Truman and the Election of 1948: The Coming of Age of Civil Rights in American Politics. **The Journal Of Southern History**, [S.L.], v. 37, n. 4, p. 597-616, nov. 1971. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/2206548>.

SKELLEY, Geoffrey. Straight Tickets for Senate, Split Tickets for Governor: The 2016 Senate and Gubernatorial Elections. *In*: SABATO, Larry; KONDIK, Kyle; SKELLEY, Geoffrey.. **Trumped: The 2016 Election that Broke All the Rules**. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.

SPENCER, Richard. 18 nov. 2016. *In*: NPI 2016 PRESS CONFERENCE. Washington: National Policy Institute, 2016.

SPLC - Southern Poverty Law Center. American Racists Work to Spread 'Identitarian' Ideology. **SPLC**, 2016. Disponível em:

<<https://www.splcenter.org/hatewatch/2015/10/12/american-racists-work-spread-%E2%80%99identitarian%E2%80%99ideology>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

TESLER, Michael. The Return of Old-Fashioned Racism to White Americans' Partisan Preferences in the Early Obama Era. **The Journal Of Politics**, [S.L.], v. 75, n. 1, p. 110-123, jan. 2013. University of Chicago Press.

USHMM - UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. CHARLES E. COUGHLIN. **Holocaust Encyclopedia**, s.d. Disponível em <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/charles-e-coughlin>> Acesso em: 23 set. 2020.

VALENTINO, Nicholas A.; SEARS, David O. Old Times There Are Not Forgotten: race and partisan realignment in the contemporary south. **American Journal Of Political Science**, [S.L.], v. 49, n. 3, p. 672-688, 18 maio 2005. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-5907.2005.00136.x>.

WARREN, Donald. **Radio Priest**: Charles Coughlin, the Father of Hate Radio. New York: The Free Press, 1996.

WEIGEL, David. Is Trump's new chief strategist a racist? Critics say so. **Washington Post**, 14 nov. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/is-trumps-new-chief-strategist-a-racist-critics-say-so/2016/11/14/b72e2ab0-aa9d-11e6-a31b-4b6397e625d0_story.html> Acesso em: 18 nov. 2020.

WESTIN, Alan F. The John Birch Society: "Radical Right" and "Extreme Left" in the Politics of Post World War - 1962. In: DANIEL, Bell (org.). **The Radical Right**: The New American Right. New York: Doubleday & Company, 1963.

WILENTZ, Sean. Confounding Fathers: The Tea's Party Cold War Roots. **The New Yorker**, 26 out. 2010. Disponível em <<https://www.newyorker.com/magazine/2010/10/18/confounding-fathers>> Acesso em: 23 set. 2020.

WILLIAMSON, Vanessa; SKOCPOL, Theda; COGGIN, John. The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism. **Perspectives On Politics**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 25-43, mar. 2011. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s153759271000407x>.

WOLTERMANN, C.. What is Paleoconservatism? **Telos**, [S.L.], v. 1993, n. 97, p. 9-20, 1 out. 1993. Telos Press. <http://dx.doi.org/10.3817/0993097009>.